

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE LETRAS



CONIMBRIGA



VOLUME XL – 2001

INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

VIRGÍLIO HIPÓLITO CORREIA

Arqueólogo. Director do Museu Monográfico de Conimbriga.

CONIMBRIGA, CASA ATRIBUÍDA A CANTABER
TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS 1995-1998

“Conimbriga” XL (2001) p. 83-140

RESUMO: O artigo publica os relatórios das escavações levadas a cabo na casa atribuída a Cantaber, em Conimbriga (Portugal), entre 1995 e 1998, sob a direcção do autor. Recolhe também os relatórios de outras escavações que o Museu Monográfico de Conimbriga empreendeu nos anos oitenta.

A evolução da casa é descrita como consistindo numa principal fase de construção, de provável data flaviana, sobre um local onde existia um outro edifício, de características indeterminadas. Objecto de remodelações posteriores, em função da construção de urnas termas privadas e, depois, em consequência da construção da muralha (fins do séc. III - inícios do séc. IV), a casa viria a ter uma longa sobrevivência, de que se têm poucas informações, devido ao método das escavações que expuseram a casa cerca de 1930.

A arquitectura da casa na sua fase inicial é descrita e analisada.

ABSTRACT: This paper publishes the reports of the excavations carried out at the house attributed to Cantaber, in Conimbriga (Portugal), between 1995 and 1998, directed by the author. It also publishes the reports of the excavations that the site museum had done in the 1980's.

The evolution of the house is described as consisting of a main building phase, probably of Flavian date, on a site where stood another building, the characteristics of which can not be determined. The house was later remodelled, first with the addition of private *thermae* and later as a consequence of the building of the town wall (end of III

- early IV c. AD). It would then have a long survival, of which there is little information, due to the method of the excavations that exposed the house in the 1930's.

The architecture of the house in its first phase is described and analysed.

CONIMBRIGA, CASA ATRIBUÍDA A CANTABER TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS 1995-1998

1. Introdução

A casa atribuída a Cantaber, situada intramuros nas ruínas da cidade romana de Conimbriga, é um importante edifício que, apesar de escavado na década de 30 e desde aí objecto de vários estudos, não se pode considerar seriamente investigado.

O programa de investigações que o Museu Monográfico de Conimbriga, sob a direcção de Adília Alarcão, levou a cabo, sob a responsabilidade de Virgílio Hipólito Correia, datado de 12 de Dezembro de 1994 e na mesma data enviado à Direcção do IPM (ofº MMC 33/511), foi aprovado pelo IPPAR, segundo informação da Vice-Presidência desse instituto, em ofício de 30-3-95 (ofº nº 2656, procº DA 88/1(59)).

De acordo com o programa de investigação aprovado, efectuaram-se escavações na casa entre 1995 e 1998, todavia em condições algo diferentes das programadas.

O pessoal do Museu Monográfico de Conimbriga e outro especificamente contratado (ao abrigo dos programas ocupacionais do Instituto de Emprego) asseguraram o decorrer dos trabalhos, suplementados nos meses de Julho a Setembro pela colaboração de equipas de voluntários e estagiários. A escavação contou com a colaboração ocasional de grupos de alunos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

O presente relatório é uma recapitulação completa dos vários relatórios anuais e de outros anteriores (nomeadamente os que dizem respeito às sondagens levadas a cabo sob a direcção de Maria de La Salette da Ponte) arquivados no Museu (v.d. anexo 1).

Paralelamente aos trabalhos especificamente arqueológicos, decorreu um programa faseado de intervenções de conservação. A fron-

teira entre os dados de um e outro tipo de trabalho revelou-se, frequentemente, difusa, designadamente no que diz respeito ao tanque central CI 1, onde se devem ao talento e à perspicácia dos técnicos de intervenção os dados aqui recolhidos sobre a arquitectura e a evolução das construções dessa peça da casa. Esses trabalhos, da responsabilidade de António Cardoso e, posteriormente, de Rui Cabral, são, nessa medida e mediante citações dos seus relatórios de intervenção, vertidos também na presente publicação.

Este artigo é considerado como um instrumento autónomo, prévio à publicação de um segundo volume dedicado a Conimbriga dentro da série do Corpus dos Mosaicos Romanos de Portugal. Deste facto resulta o limitado espaço concedido à ilustração dos mosaicos, para além da documentação do estado antes das intervenções de conservação, quando estas foram levadas a cabo. A publicação dos levantamentos gráficos executados de acordo com o sistema proposto por J. Lancha e P. André (1994), bem como de um levantamento fotográfico exaustivo e de qualidade, a executar, aguardará, portanto, a ocasião daquela publicação de conjunto. Também então se poderão abordar com maior precisão as questões de cronologia, designadamente a dos mosaicos, esperando-se que esteja nesse momento completo o estudo integral dos materiais das escavações dos anos oitenta e das de 1995-98.

2. A escavação

2.1. Metodologia adoptada

A casa de Cantaber não conserva, praticamente, vestígios do seu período final de ocupação : em 1995 toda a casa estava já escavada até aos pavimentos. Os objectivos eram, portanto, dois: explicar a evolução arquitectónica da casa, até ao seu momento final, de acordo com a metodologia (estudo arquitectónico e construtivo acompanhado de estratigrafia pontual), já comprovada na casa dos repuxos e documentar os mosaicos, quer do ponto de vista estilístico (por decalque), quer do ponto de vista estratigráfico, tendo em vista a sua datação.

Por sistema de referência das escavações continuou-se a seguir o sistema dos Monumentos Nacionais (cada sala, um número; foram necessárias alterações à notação estabelecida). A altimetria foi referida

ao nível ligado à rede, estabelecido acima do nível médio do mar, segundo os trabalhos de M. Knorr (1991).

Em cada sala, procedeu-se segundo o esquema seguinte:

Existindo mosaico, foi este referenciado quanto ao seu estado de conservação, quanto à documentação existente e quanto à extensão de restituição que virá a permitir em fase final de estudo. Procedeu-se em seguida ao seu decalque, quase por completo devido à pertinácia de Carlos Gonçalves, por vezes auxiliado por voluntários dos grupos acima referidos.

Estando o mosaico *in situ* não foi levada a cabo qualquer escavação.

Nas salas com mosaico já levantado, passou-se à análise pormenorizada do suporte, com levantamento à escala 1/20, que J. Vander-smithen, colaborador voluntário do Museu Monográfico de Conimbriga em 1995, executou.

A escavação foi levada a cabo tendendo a conseguir em cada espaço uma estratigrafia abrangente. A estratigrafia é considerada individualmente, sala a sala, relacionando-se com o pré-inventário de materiais. Este, à data da presente publicação encontra-se ainda num estado incipiente.

A inserção arquitectónica da sala foi documentada em levantamento à escala 1/50.

A casa foi objecto de um levantamento topográfico à escala 1/50, feito com alidade de prancheta, que ignorou todos os levantamentos anteriores (nomeadamente os dos Monumentos Nacionais) por se ter verificado que existiam medidas a corrigir (algumas tão essenciais como os eixos do peristilo central) e por a nova interpretação das arquitecturas necessitar de ser paulatinamente introduzida nos levantamentos. O trabalho final de desenho foi levado a cabo por José Luís Madeira do Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, a quem se agradece bem como à instituição que permitiu essa colaboração, na pessoa do seu Director, Prof. Doutor Jorge de Alarcão. Sobre esta base foram produzidas as várias plantas que aqui se publicam, tratadas por meios digitais por Carla Maria Vieira Marques.

2.2. *Trabalhos levados a cabo*

2.2.1. *Cl- pórtico de entrada*

Pavimento: terra batida. Originalmente *opus sectile* (?)

Escavação levada a cabo: sondagem junto do pequeno pódio.

Intervenções de conservação e restauro: a intervenção no mosaico data dos anos setenta, tendo sido levada a cabo pela equipa do Museu Monográfico de Conimbriga.

Estratigrafia identificada em 96 Cl E (Perfil 1):

(1) Estrato de argamassa amarelo-esbranquiçada, com cerca de 5 cm de espessura. Forma a fundação das escadas da muralha, é solidária do lancil do pórtico de entrada da casa e, seguramente, não encosta ao muro da casa propriamente dita.

(2) Estrato de terra castanha moderadamente argilosa, com pedra e outro material em abundância. O material inclui fragmentos de estuque vermelho de revestimento de coluna, de que parte se recolheu em 1995.

(3) Estrato de saibro rosado com muito cascalho. Nitidamente subjacente à fundação do pórtico.

(4) Estrato de areão com argamassa amarela.

(5) Estrato de terra fina, castanho claro.

(6) Estrato de terra com restos de argamassa, de cor castanho rosado. Engloba a base do alicerce do muro da casa.

(7) Estrato de terra argilosa de cor castanho amarelado.

(8) Estrato de terra idêntica a 7, menos amarelo.

Arquitectura: o pódio deve ser atribuído a uma fase tardia, tratando-se da base de uma escada de acesso à muralha. De notar ainda que esta interpretação estratigráfica tem implicação na datação possível do plinto de coluna epigrafado MAE(LO), (Fouilles II, nº 98) que se encontra no pórtico (Foto 1).

As implicações arquitectónicas e de evolução da casa desta interpretação estratigráfica são relevantes, sendo tais questões tratadas no local próprio.

O estrato de argamassa (1) deve corresponder ao assentamento de um pavimento, provavelmente de *opus sectile*, que Vergílio Correia interpretou equivocadamente como sendo o do “pódio de templete” que melhor parece a base de uma escada para acesso à muralha. Deste *opus sectile* de que, na colecção do Museu Monográfico, apenas se conser-

vam algumas réguas de ardósia, fez provavelmente parte, também, um elemento em mármore branco, recolhido em frente à casa em finais dos anos oitenta.

Materiais: em triagem.

2.2.2. C 2 — *átrio*

Pavimento: mosaico, já levantado e remontado em cimento armado, ainda não recolocado no local.

Extensão conservada ou restituível: Dois fragmentos corespondentes a parte da bordadura, com uma composição de quadrados com cruzetas no centro. (Fig MMC6x6P/Bn°3745)

Suporte: não foi analisado.

Escavação levada a cabo (dirigida por Fernando Coimbra):

Em 1997 (10-17 de Outubro), procedeu-se à execução de um último ponto do programa de escavações, a escavação do vestíbulo da casa que questões logísticas, ligadas à circulação necessária do pessoal que trabalhava na área, impediram que tivesse lugar antes.

As operações preliminares de limpeza e decapagem do suporte do mosaico expuseram um muro orientado norte/sul. Entre este muro e o muro oeste do vestíbulo marcou-se e escavou-se uma pequena sondagem estratigráfica, que foi interrompida a 2,15 m de fundo, por questões de segurança agravadas por chuvas intensas e contínuas. O mesmo aconteceu, a cerca de 70 cm de fundo com uma outra sondagem no canto noroeste do vestíbulo (97C2B).

2.2.2.1. *Estratigrafia identificada: 97C2A*

Verificou-se a existência de três níveis arqueológicos, com as seguintes características:

(1) constituído por terra castanha clara. Neste nível, ocupando cerca de metade da área escavada, surgiu um piso de assentamento de mosaico, em argamassa branca, que se conservou. O espólio é formado por um fragmento de bordo de garrafa prismática de vidro (finais do séc. I - séc. II), um fragmento de moldura calcária, alguns fragmentos de cerâmica comum (incluindo cerâmica não torneada e cerâmica alaranjada fina) e de ossos de animais.

(2) corresponde a um nível de entulhamento, com camadas de pedras colocadas em cunha, separadas por camadas, mais finas, de terra castanha escura. O espólio é constituído por um pequeno fragmento de vidro transparente, azul, que parece pertencer a um unguentário e não ultrapassa o séc. I d.C.; muitos restos faunísticos com evidentes sinais de utilização alimentar e muitos fragmentos cerâmicos com as mesmas características da do nível anterior(excepto a não torneada).

(3) Constituído por terra castanha acinzentada. Continuação do muro de pedra não aparelhada, que assenta em terra. Este estrato forneceu muitos fragmentos de cerâmica comum, indígena e romana (1ª metade do séc. I d.C.), incluindo *dolia* e um fragmento de terra sigillata de tipo itálico, Consp. 22. No fundo surgiu um fragmento de tegula.

2.2.2. *Análise e stratigráfica sobre perfil desenhado em 1999 (VHC)*

Unidades stratigráficas reconhecidas em 97 C2A N (Perfil 2):

(1) Núcleo de assentamento do mosaico, escavado anteriormente em decapagem (=97C2A(1)).

(2) Camada de terra argilosa, castanha escura, rica em carvões, pequenos fragmentos de tijolo, materiais, etc. (estrato de ocupação re-mexido?) (=97C2A(2)).

(3) Vala preenchida por terra com muita areia e cascalho (=97C2A(3)).

(4) Terra arenosa alaranjada, com pequenas pedras dispersas (=97C2A(3)).

(5) Lenticula de argamassa (97C2A(3)).

(6) Terra muito argilosa avermelhada.

(7) Terra muito argilosa, cinzenta, com muito carvão, que cobre a base encontrada sob o muro.

2.2.3. C3

Pavimento: Mosaico monocromático branco, já levantado e remontado em cimento armado, ainda não recolocado no local.

Documentação fotográfica em arquivo: 3749, 5273.

Extensão conservada ou restituível: monocromático branco.

Suporte: destruído.

Escavação levada a cabo: nenhuma.

2.2.4. C4

Pavimento: Mosaico monocromático branco, já levantado e remontado em cimento armado, ainda não recolocado no local. (Fig. MMC6X6P/Bn°3747)

Outra documentação fotográfica em arquivo: 5274.

Extensão conservada ou restituível: monocromático branco.

Suporte: destruído.

Escavação levada a cabo: nenhuma.

Intervenções de conservação e restauro: a intervenção no mosaico data dos anos setenta, tendo sido levada a cabo pela equipa do Museu Monográfico de Conimbriga.

2.2.5. C5

Pavimento: terra.

Intervenção: nenhuma.

2.2.6. C 6

Pavimento: Mosaico, parte conservada *in situ* até aos anos oitenta (levantado em duas placas de betão), parte levantado. Muito provavelmente, um dos mosaicos arrancados em 1899 (Oleiro 1973, n° 1) corresponde a essa área em falta.

Documentação fotográfica: do fragmento *in situ* MMC6x6P/Bn°s 3748, 5266. Do mosaico de 1899, muito variada.

Extensão conservada ou restituível: se se verificar a atribuição, toda a sala à excepção do motivo do medalhão central.

Suporte: *Opus signinum* de muito boa qualidade, bem conservado à excepção da zona de arranque.

Escavação levada a cabo: zona de arranque de mosaico após limpeza da sala.

Estratigrafia identificada: depois de limpa a superfície da sala (*opus signinum*), verificadas duas camadas.

(1) bolsa de terras castanhas com muita pedra e fragmentos de argamassas.

(2) ténues vestígios de terras argilosas castanhas claras, com

material de aspecto muito antigo (I. Ferro, pelo menos um fragmento de tipologia calcolítica).

Não houve lugar ao registo gráfico da estratigrafia.

Arquitectura : vestígios de uma fase decorativa (estuques) anterior ao assentamento do mosaico.

Materiais: predominantemente da Idade do Ferro, tendo-se identificado, para além de cerâmica estampilhada, um fragmento de bordo e pança de vaso decorado por incisão penteada, presumivelmente calcolítico. Entre a cerâmica romana identificou-se um fragmento de bordo de ânfora Dressel 7-11 (Fouilles VI 83-85, finais do séc. I a.C.-inícios do II d.C.).

2.2.7. C7

Pavimento: terra.

Intervenção: nenhuma.

2.2.8. C 8

Pavimento: terra.

Intervenção: nenhuma.

2.2.9. C9

Pavimento: terra.

Intervenção: nenhuma.

2.2.10. C 10 — *peristilo central*

Pavimento: Mosaico, já levantado quase totalmente, canto sudeste ainda *in situ*. As alas do peristilo eram cobertas por um padrão geométrico uniforme de hexágonos irregulares delimitando losangos, alternadamente preenchidos por círculos e flores (como trevos de quatro folhas). A ala sul (onde se abre o triclinio) era enquadrada por tapetes. A composição é conseguida a preto sobre fundo branco, com uso muito moderado de vermelho e amarelo. Devido à sua extensão e condições de conservação, ainda não pôde ser documentado graficamente.

Documentação fotográfica antes do arranque: variada (Cf. MMC6x6P/Bn°3757)

Extensão conservada ou restituível: franja muito extensa em todas as alas; toda a extensão é restituível.

Suporte: não foi investigado.

Escavação levada a cabo: várias sondagens dirigidas em 1986 por Salette da Ponte.

Intervenção de conservação e restauro: levada a cabo por António Cardoso (Escola Superior de Tecnologia de Tomar), em 1995.

2.2.10.1. *Escavação em 86 C10.1*

Sondagem situada na ala oriental do peristilo; dimensões: 0,63x1,35 metros.

Reconheceram-se 4 níveis estratigráficos (Perfil 3):

- (1) camada de terra acinzentada, superficial.
- (2) pavimento de *opus signinum* bastante espesso. O *nucleus* e o *rudus* formam o *opus signinum* que suportava o mosaico.
- (3) camada de terra castanho-amarelada, bastante friável, contendo vestígios de argamassa.
- (4) camada de terra castanho-avermelhada que cobria a boca da conduta de alvenaria de C12.4.

2.2.10.2. *Escavação em 86 C10.2*

Idem; dimensões: 1,70x1,20 metros.

Reconheceram-se 5 níveis estratigráficos:

- (1) camada de terra acastanhada que cobria o pavimento romano.
- (2) vestígios de pavimento musivo que assenta numa camada espessa de *opus signinum*, semelhante a C10.1 e C10.3. O *opus signinum* assenta num leito de pedras irregulares. O pequeno núcleo de mosaico geométrico (branco e cinzento) aparece junto à colonata do pórtico.
- (3) camada de terra castanha amarelada, bastante friável com alguma pedra, bocados de *opus signinum* e pequenos núcleos de mosaico.
- (4) camada de terra castanha avermelhada bastante ferruginosa com pequenas pedras calcárias e argamassa.

(5) canalização de alvenaria.

Entre o pavimento de *opus signinum* e o estrato (3) aparece uma canalização de adução de água, em chumbo, orientada no sentido SE/NW, que se associa ao que aparece na sondagem C10.3.

No estrato (3) foram recolhidos, de entre vários fragmentos de estuque de cor vermelho pompeiano, alguns fragmentos cerâmicos de cor cinzenta polida e de tradição indígena. Este tipo de cerâmica é também comum no estrato (4).

2.2.10.3. Escavação em 86 C10.3

Idem, dimensões: 2.00x0,95 metros. Implantação: distanciada da parede norte cerca de 95 cm.

Reconheceram-se 5 níveis estratigráficos:

(1) camada de *opus signinum*, bastante espessa e desnivelada. Assenta numa camada de pedras irregulares.

(2) camada de terra amarelada, arenosa com bastantes fragmentos de pintura mural e estuque moldado.

(3) camada de terra castanha avermelhada, bastante ferruginosa e que cobre a conduta de alvenaria.

(4) canalização de alvenaria.

Um cano de chumbo aparece entre o *opus signinum* e a argamassa que constitui o ligante do *rudus*. Está orientado no sentido E/W.

2.2.10.4. Intervenção em 87 C10.2A-2B e 3A

Em 1987 procedeu-se à definição do trajecto da canalização de alvenaria E-W para N-S com um desnível aproximado de 6 cms para sul facilitando o escoamento das águas. A norte da peça 10 (C10.3A) foi achado mais um pedaço de cano de chumbo que se ligaria ao restante em C10.2. Este cano de chumbo passava sob os mosaicos, estando directamente associado ao peristilo C12/03, que abastecia.

2.2.10.5. Outras sondagens na ala oriental do peristilo central C10

Posteriormente procedeu-se também à continuação dos trabalhos na ala oriental do peristilo central. Subdividiu-se este espaço em 4

áreas, numerando-as de CI0.4 a CI0.7. As dimensões de cada área diferem, conforme os condicionalismos específicos. A presença de pequenos fragmentos de mosaicos ainda *in situ* e o estado de conservação do seu suporte em *opus signinum* determinaram, na maioria das vezes, o tamanho da respectiva sondagem.

Pretendia-se com estes trabalhos definir o trajecto e o período de utilização da conduta geral e conseguir o seu desbloqueamento.

2.2.10.5.1. Área 86 CI0.4

Extremo norte da ala leste do peristilo (peça 10); dimensões. 2.20x2.00 metros.

Reconheceram-se seis níveis estratigráficos:

(1) camada de terra acastanhada que cobre superficialmente o *opus signinum*.

(2) pavimento de *opus signinum* bastante espesso. O *rudus*, ou seja a 1ª camada, é constituída por pedras irregulares argamassadas.

(3) camada de terra castanha, bastante friável.

(3A) fina camada de argamassa amarelada existente nas paredes norte e oeste.

(4) pavimento de terra batida cortado pelo estrato (5) nas paredes norte e leste.

(5) camada de terra castanha avermelhada que corta o pavimento (S4).

(6) conduta geral cuja cobertura é constituída por lajes de calcário.

Materiais:

No estrato (3) apareceu uma moeda do séc.IV associada a diverso material cerâmico do Alto e Baixo Império.

O estrato (5) e o interior da canalização forneceram diversos materiais cerâmicos do Alto e Baixo Império.

Os materiais cerâmicos recolhidos no interior da canalização estabelecem com precisão o período de utilização da conduta, ou seja, desde a sua implantação ao uso até ao séc.V d.C.

A faixa correspondente ao nível (S4) foi cortada aquando da remodelação daquele espaço.

As paredes internas da conduta são rebocadas e de calcário. As lajes de cobertura eram argamassadas entre si. O alçado da parede da

canalização tem cerca de 35 cms; o fundo, 50 cms e as lajes têm de comprimento cerca de 80 cms.

2.2.10.5.2. Área 86 CIO.5

Idem; dimensões: 2,08x2,68 metros.

Reconheceram-se 6 níveis estratigráficos, tal como em CIO.4:

(1) camada de terra acastanhada que cobre superficialmente o *opus signinum*, exceptuando na faixa oriental junto à parede ocidental da peça 14.

(2) vestígios de pavimento musivo com assentamento em *opus signinum*.

(3) camada de enchimento predominando a tonalidade de terra acinzentada; nas alas sul e ocidental aparece uma faixa de terra amarela avermelhada, friável e arenosa.

(4) camada de terra avermelhada com laivos de argamassa, bastante friável.

(5) conduta geral, cuja cobertura é feita com lajes calcárias.

(6) camada de terra acastanhada com algumas pedras irregulares calcárias que rodeavam a conduta geral.

Materiais:

O estrato (6) foi cortado para a implantação da conduta geral, onde apareceram vários fragmentos de cerâmica cinzenta polida; a canalização (5) forneceu fragmentos de sigillata sudgálica, 1 fragmento de copa de vidro leitoso (séc. II d.C.), vários fragmentos de cerâmica comum de tradição indígena, cinzenta polida, alaranjada do Alto Império e 1 fragmento de disco de lucerna decorada (séc.1-11 d.C.).

2.2.10.5.3. Área 86 CIO.6

Idem; dimensões: 2.40x2.50 metros.

Reconheceram-se 5 níveis estratigráficos:

(1) camada de terra cinzenta escura que cobre o *opus signinum*.

(2) pavimento de *opus signinum*, assentamento do mosaico inexistente. O *rudus* é constituído por uma camada espessa de cal, areia e cascalho argamassado.

(3) camada de terra castanha avermelhada.

(4) conduta geral.

(5) camada de terra cinzenta com pedra solta irregular que serviu de leito e de emparedamento da conduta.

Materiais:

O estrato (3) é uma camada de terra uniforme, donde foram recolhidos vários fragmentos de cerâmica comum de tradição indígena, cinzenta polida, quartzo-micácea e um fragmento de sigillata sudgálica. A conduta (4) rompeu o nível estratigráfico (5) que continha vários fragmentos de cerâmica de tom alaranjado e calcítica do Alto Império.

No interior da conduta foram recolhidos vários fragmentos de uma bilha de cerâmica comum de engobe branco, um fragmento de sigillata hispânica, três fragmentos de disco e duas asas de lucernas (séc. I II d.C.).

2.2.10.5.4. Área 87 Cl0.7

Idem, dimensões 2.40x2 metros. Reconheceram-se 5 níveis estratigráficos idênticos aos de Cl0.6 (Perfil 4).

Materiais:

No nível (3) foram recolhidos vários fragmentos de cerâmica comum de tradição indígena, cinzenta polida e alaranjada fina, no interior da canalização (4) apareceu um fragmento de prato de sigillata clara D, forma Hayes 49(320/40-300 d.C.), para além de cerâmica comum cinzenta polida e de tom alaranjado.

Esta última sondagem permitiu acompanhar o trajecto da conduta N/S que apresenta uma bifurcação, no sentido E/W, em que um dos braços curva para a ala ocidental de CIO e o outro para C17.

O fundo da canalização é constituído por tijoleiras regulares unidas por meio de argamassa, o alçado é formado por fiadas horizontais de pedras calcárias argamassadas e rebocadas. As concreções posteriormente depositadas atingiram a espessura de 30 a 40 cms.

2.2.10.6. *Arquitectura de CIO*

O dado mais interessante da arquitectura de CIO é a verificação da existência de plintos (que devem ter suportado esculturas ou ornamentos de algum género) implantados a meio dos intercolúnios, o que

é marcado por um recorte quadrangular no centro das lajes de calcário que revestem o estilóbato dos pórticos (Foto 2). Nos locais onde essas lajes desapareceram, são visíveis os restos de argamassa de fixação dos plintos.

2.2.11. *C 11 — tanque central*

Pavimentado e revestido integralmente a *opus signinum*.

Escavação levada a cabo: decapagem da terra dos canteiros.

Estratigrafia identificada: sobre a terra do canteiros verificou-se a existência de várias bolsas, de terra cinzenta muito escura, onde se recolheu abundante material tardo-romano e alto-medieval.

Intervenção de conservação e restauro: levada a cabo com a intervenção no peristilo CIO.

Arquitectura: resta investigar o desenho e implantação dos vestígios de canalizações de chumbo que se verificou existirem e que certamente tiveram como finalidade criar um sistemas de jogos de água.

Identificou-se no canteiro sudeste um fragmento de estuque pintado de azul com conchas incrustadas, pertencente sem dúvida a alguma construção decorativa cuja localização não se pode precisar.

Material: em triagem. Identificou-se um cadinho de refinação de ouro.

2.2.11.1. *Análise arquitectónica do peristilo central e do tanque*

A evolução das estruturas parece ter seguido as seguintes fases:

Fase 1: Construção em *opus incertum* dos tanques e caixotões e revestimento a *opus signinum*.

Fase 2: Instalação de canalizações de chumbo, com rasgamento do *opus signinum* e posterior reparação. A reparação dos muretes foi feita com *opus latericium* e, neste momento, é instalado o rebordo de calcário.

Fase 3: Reparação do rebordo de calcário e sua substituição por elementos em tijolo. Colocação do remate de *opus signinum* em toda a orla dos caixotões (Foto 3).

2.2.12. C 12 — *peristilo*

Pavimento: Mosaico levantado e recolocado na ala sul. Desaparecido ãas restantes. Composição de quadrados e rectângulos separados por corda de duas tranças, a preto sobre fundo branco (MMC6x6P/Bn°3671).

Extensão conservada ou restituível: conservada a ala sul, restituíveis todas as alas (partindo do principio de que eram iguais), dúvidas nos remates dos intercolúnios.

Suporte: Não investigado.

Arquitectura: no canto nordeste verificou-se a existência de um caixotão, forrado a tégulas, que se deve relacionar com a fase primitiva detectada no tanque.

Escavação levada a cabo: várias sondagens dirigidas em 1979 e em 1986 por Salette da Ponte.

Intervenções de conservação e restauro: a intervenção no mosaico data do inicio dos anos oitenta, tendo sido levada a cabo pela equipa do Museu Monográfico de Conimbriga.

2.2.12.1. *Sondagens na ala sul do peristilo C12*

A ala sul do peristilo C12 foi dividida em duas áreas designadas 79C12A e 79C12B. Dimensões: A - 4m de comprimento (com a largura possível; B - 3,40m. Deixou-se entre elas uma banquetta com 80cm.

Reconheceram-se as seguintes camadas:

2.2.12.1.1. Área 79 C12A

(1) camada de terra saibrosa com pedras informes, que serviram de leito do mosaico. Este era constituído por pedras, pedaços de tijolo e outros materiais. O espaço compreendido entre as bases de coluna era preenchido por *opus signinum*, que suportava o mosaico.

(2) camada de terra acastanhada escura, bastante fofa, com restos de carvão.

(3) camada de terra castanho avermelhada, com pedras miúdas.

(4) camada de terra amarelada saibrosa.

(5) camada de terra negra.

Do lado oeste a rocha estava a uma profundidade aproximada de 1,45m; a este só a 45cm.

2.2.12.1.2. Área 79 C12B

Escavação iniciada a 12/11/1979 (Perfil 5)

(1) camada de terra arenosa amarelada, tendo à mistura pedras irregulares de assentamento do mosaico. No canto SW, muito à superfície, distingue-se uma área de terra negra (designado estrato 1-A).

(2) camada de terra negra localizada no canto SW de 79C12B, contendo micro-bolsas de terra amarela arenosa.

(3) camada de terra castanho-amarelada, bastante fofa e com laivos de carvão.

(4) camada de terra amarelada saibrosa.

(5) camada de terra castanho-avermelhada, com laivos de carvão.

(6) camada de saibro e cal.

(7) camada de terra negra.

A camada (6) tem um perfil bastante consistente, parecendo constituir uma plataforma intencional destinada a nivelar a irregularidade da rocha.

2.2.12.2. Sondagens na alas norte e oeste do peristilo C12

A ala norte do pórtico foi subdividida em três áreas, designadas C 12.1, .2 e .3; a ala poente foi subdividida em C12.4 e C12.5.

2.2.12.2.1. Área 86 02.1

Dimensões: 2.50x1.50 metros. Reconheceram-se três níveis estratigráficos, dois deles bastante importantes:

(1) camada de terra acastanhada que cobre o *opus signinum* destinada ao assentamento do mosaico. O *nucleus* estava em mau estado de conservação.

(2) *opus signinum* ou *nucleus*, constituído por pequenos fragmentos de tijoleira argamassada com areia e cal.

(3) fundo de tégulas de uma construção quadrangular (Foto 4).

Entre C12.1 e C12.2 deixou-se uma banquetta com a largura de 1 metro.

2.2.12.2.2. Área 86 C12.2

Dimensões: 50 cms x 2.00 metros. Reconheceram-se sete níveis estratigráficos:

Os estratos 1 e 2 têm características idênticas à sondagem C12.1.

(3) camada da areia de cor amarelada e bastante friável que servia de base ao *opus signinum*.

(4) camada de terra castanha escura na parede norte.

(5) camada de terra castanha amarelada, bastante arenosa.

(6) camada de terra negra, bastante fofa.

(7) camada de terra acastanhada, constituída por pedras irregulares que servem de suporte à parede do lado norte.

2.2.12.2.3. Área 86 C12.3

Canto NW da ala norte; dimensões: 2.00x1.00 metros.

Reconheceram-se cinco níveis estratigráficos:

(1) camada de terra castanha escura.

(2) camada constituída por *opus signinum*, bem compactado com areia, argamassa e pequenos bocados de tijolos.

(3) camada de terra arenosa, de cor amarelada, que constituía o nível inferior do *opus signinum*, leito que suportava o mosaico.

(4) camada de terra acastanhada com vestígios de carvão.

(5) muro.

2.2.12.2.4. Área 86 C12.4

A ala poente do pátio porticado; dimensões 1.80x1.00 metros.

Reconheceram-se 7 níveis estratigráficos:

(1) camada de terra negra, de superfície.

(2) pavimento de *opus signinum*, constituído por pequenos fragmentos de tijolo argamassado com areia e cal.

(3) camada de argamassa amarelada e arenosa; nela está implantada uma conduta de alvenaria com lajeado de calcário a cobri-la.

(4) camada de terra acastanhada, bastante fofa que abrange somente o lado norte da sondagem.

(5) camada de terra amarelada.

(6) camada de terra castanha escura com bastantes laivos de cinza e algum carvão.

(7) camada de terra negra com bastantes laivos de carvão.

2.2.12.2.5. Área 86 C12.5

A ala poente do pátio porticado; dimensões 2.10x0.70 metros. Reconheceram-se 7 níveis estratigráficos:

(1) camada de terra castanha ainda com vestígios de *opus signinum*.

(2) pavimento de *opus signinum*.

(3) camada de argamassa amarelada com pequenas pedras irregulares, correspondentes ao último lanço de parede do peristilo.

(4) camada de terra castanha escura.

(5) camada de argamassa compacta que aparece nos lados norte e leste da sondagem.

(6) camada de terra castanha com pequenas pedras. Neste nível está implantada uma conduta coberta com tijoleiras rectangulares.

(7) camada de terra negra sobre o tufo.

2.2.12.2. *Materiais e fases de construção*

Das três sondagens efectuadas na ala norte do pátio porticado, há três aspectos dignos de referência, um correspondente ao aparecimento do tanque quadrangular (C12.1); outro referente aos alicerces do lado poente da sondagem C12.2 e, por último aos alicerces de C12.3.

Os materiais recolhidos não permitem datar o tanque, nem tão pouco articulá-lo com a restante construção. Relaciona-se, provavelmente, com os restos de tanque rectangular revestido a *opus signinum* que preexistiu ao *impluvium* quadrangular.

Os alicerces achados em C12.2 correspondem ao estrato 6, o qual foi cortado para a implantação da estrutura da casa. Nesta camada estratigráfica foram recolhidos alguns fragmentos de cerâmica não datante. Por outro lado, a orientação destes alicerces estão, em relação à parede oeste do peristilo, desalinhados, talvez por terem pertencido a um bloco arquitectónico anterior de orientação diversa.

Na sondagem C12.4, a conduta de alvenaria assenta em três níveis estratigráficos de datação segura. Os fragmentos cerâmicos gresosos

pertencem ao vasto grupo da Idade do Ferro, encontrando-se nele exemplares de fabrico manual e de tradição indígena. No estrato 3, fora da canalização, aparecem também alguns fragmentos cerâmicos gresosos do mesmo período.

Na sondagem C12.5 constata-se que a conduta de tijoleiras assenta no nível estratigráfico 7 onde também foram recolhidos fragmentos cerâmicos gresosos de tradição indígena. No nível 4 apareceu uma moeda do período claudiano. Por outro lado, o nível de argamassa compacta correspondente ao estrato 5 parece relacionar-se com a implantação da conduta de alvenaria de C12.4 (3) e com o plano inferior e exterior da parede norte do peristilo, bem mais largo que o 2º lanço (algo que posteriormente também se viria a verificar com a parede mais antiga localizada em 97C2). Os níveis 5 e 6 estão cortados para a implantação do esgoto de C12.5(6).

Documenta-se em 85C12.4 que a base da colunata do *impluvium* tem uma fundação idêntica à do muro do átrio documentado em 97C2A.

2.2.13. C 13 — tanque

Pavimentado e revestido integralmente a *opus signinum*.

2.2.13.1. Análise arquitectónica do tanque do peristilo

Arquitectura : vestígios de uma fase anterior ao tanque quadrado, centrado no *impluvium* por uma pequena bordadura, ajardinada, que seria constituída por um grande canteiro (a oeste) com um tanque rectangular forrado a *opus signinum*, com meia cana, apoiado à parede limítrofe da casa. Com esta fase se relacionaria o caixotão forrado a tégulas encontrado no peristilo. Assim:

Fase 1: Num *impluvium* de dimensões e forma indetermináveis (mas que podia ser basicamente semelhante ao que sobrevive na fase 2 e que podemos ver actualmente) existia, junto ao muro perimetral da casa, um tanque rectangular, revestido a *opus signinum*, com as esquinas e arestas reforçadas por meia cana. O canto inferior formado entre o fundo e a parede correspondente ao muro da casa era, além disso, contrafortado por um degrau, que se destinaria a tornar completamente

estanque a zona por onde eventuais perdas de água seriam mais difíceis de controlar e poriam em risco a via pública. Com este tanque estaria relacionado o caixotão forrado com *tegulae*. A sua dimensão era idêntica, ocupando o caixotão o espaço entre um dos topos menores do tanque e a parede de C6. A questão reside em identificar este caixotão como um dispositivo instalado sob o pórtico (o que não levanta dificuldades à restituição deste) ou como exterior a este (caso em que a restituição do pórtico se afigura complicada). Ao nível de construção desta fase se deve associar o horizonte estratigráfico 79C12B(6) e 86C 12-2(6).

Fase 2: A restituição da fase 2 obriga a acreditar que a Direcção dos Monumentos Nacionais procedeu à reconstrução do múrete interno do tanque até uma cota, arbitrária, inferior àquela originalmente atingida pelo múrete. O tanque funcionaria, nesta segunda fase, como um *impluvium* quadrado, revestido a *opus signinum*, rodeado por um caneteiro contínuo de cerca de 60 cm de largo, ao rés do estilóbato (em tijolo) do pórtico do peristilo, obliterando, portanto, os vestígios de pre-existências. No múrete do tanque, duas perfurações denunciam a existência de uma fonte. A instalação das canalizações rasgou o *opus signinum* original. Não é seguro que se trate de uma fase distinta, ou tão só uma forma pouco eficiente de conduzir as obras (tal como ainda hoje se constroem e rebocam as paredes e depois se tornam a rasgar para instalar as canalizações e os fios eléctricos). A esta remodelação deve corresponder o horizonte estratigráfico documentado em 79C12B(2) e 86C 12-2(2) e estratos associáveis.

2.2.14.

C 14

Pavimento: levantado e remontado em cimento armado, ainda não recolocado. Quase totalmente perdido, à excepção de parte do tapete (marginal) com composição de quadrados e rectângulos desenhados por filete simples, a preto sobre fundo branco (MMC6x6P/Bn°3701).

Extensão conservada ou restituível: menos de meia sala, a mais afastada da porta.

Suporte: de tipo muito clássico, bem estruturado.

Escavação levada a cabo: duas sondagens em quadrantes alternos que permitiram a realização de dois perfis estratigráficos completos, ortogonais, da sala.

Intervenções de conservação e restauro: a intervenção no mosaico data dos anos setenta, tendo sido levada a cabo pela equipa do Museu Monográfico de Conimbriga.

Estratigrafia identificada em 95C14 B e D, composta por cinco estratos (Perfil 6):

(1) suporte do mosaico composto por cerca de dois centímetros de brita argamassada sobre uma camada de pedras de dimensão média, com cerca de 10 cm de espessura, muito homogénea.

(2) camada de terra argilosa avermelhada, com algum material, bastante solta.

(3) camada de terra castanha, com pedras e material.

(4) camada esbranquiçada, muito fina, parecendo um pavimento estruturado com cal, salvo que é de cota irregular, que se encontra ao nível dos topos da rocha de base.

(5) camada de terra castanha, idêntica à camada 3, com lenticulas de carvão. O material denuncia um estrato da Idade do Ferro.

Arquitectura : para além de uma habitação da Idade do Ferro, a cota muito inferior e que, em alguns pontos, nem sequer foi tocada pela construção dos alicerces da casa, são visíveis dois momentos de decoração da casa com estuques (pintados ?). Um é anterior à instalação dos mosaicos, o outro é seu contemporâneo, e a decoração era ritmada por pilastras (pelo menos a enquadrar a porta norte e nos cantos).

Materiais: o material antigo encontra-se em triagem. No estrato 2 identificaram-se fragmentos de cerâmica de engobe branco (Fouilles VI, 59-61, Séc. I), de paredes finas decorada com areia (id. 29-30, Tiberio-claudiano), alaranjada com decoração em xadrez brunida e uma pequena taça de grés sinterizado.

2.2.15. C 75

Pavimento: mosaico levantado e recolocado na posição original. Composição de quadrados com figuras inscritas, sobre quadrícula (MMC6x6P/Bn°3752)

Extensão conservada ou restituível: muito lacunar, mas toda a sala é reconstituível. Decalcado.

Suporte: não investigado.

Arquitectura: muro da fase pré-casa em C15.2(2) ?

Intervenções de conservação e restauro: a intervenção no mosaico

data dos anos oitenta, tendo sido levada a cabo pela equipa do Museu Monográfico de Conimbriga.

Escavação levada a cabo: sondagens dirigidas em 1986 por Salette da Ponte.

2.2.15.1. *Relatório preliminar sobre a sondagem na sala 15*

Três sondagens com aproximadamente 2.50x1.65 metros. Reconheceram-se 3 níveis estratigráficos (Perfil 7):

- (1) camada de assentamento do mosaico, *opus signinum*
- (2) camada de terra escura (15.2-3) ou amarelada (15.1).
- (3) camada de terra amarelada (15.2) ou escura (15.1) ou castanha (15.3).

Em C15.1 apareceu no estrato (2) um muro no sentido E/W que serviu para assentamento de um outro que corre de N/S, do lado oriental.

O *opus signinum* contém desperdícios de tesselas reforçando o *nucleus* e o *rudus*.

2.2.16. *C 16*

Pavimento: mosaico levantado e remontado em cimento armado, recolocado no compartimento, mas não à cota exacta; fragmento localizado *in situ* em 1995, retirado. Composição de suásticas e hexágonos irregulares, a preto sobre fundo branco, com a ligação às paredes em preto (MMC6x6P/Bn°5277).

Extensão conservada ou restituível: provavelmente toda a sala.

Suporte: cuidadosamente investigado. Identificados vestígios de traçado preparatório na argamassa de assentamento, constituído por sulcos, provavelmente produzidos pressionando um fio contra a argamassa ainda fresca.

Escavação levada a cabo: sondagem na metade este da sala, com obtenção de um perfil estratigráfico completo.

Intervenções de conservação e restauro: a intervenção no mosaico data dos anos setenta, tendo sido levada a cabo pela equipa do Museu Monográfico de Conimbriga.

Estratigrafia identificada em 95C16A, composta por três estratos (Perfil 8):

(1) suporte de mosaico.

(2) estrato idêntico à camada 2 de C14, em contacto directo com a rocha de base.

(3) terra cinzenta, lenticular.

Arquitectura: Verificou-se, pelo fragmento *situ*, que pelo menos parte do mosaico teria, numa fase avançada da vida da casa, deixado de ser utilizado como pavimento, sendo argamassado e as depressões cheias de fragmentos de tijolo, ligados com argamassa.

Materiais: do estrato 2 provêm, entre outros materiais, fragmentos de vidro, de cor ametista e azul claro, um fragmento de sigilatta sudgálica, sem forma, um fragmento de bico de uma lucerna de tipo Loeschke IC (Fouilles VI95-96, I^a met. séc. I), fragmentos de cerâmica com engobe branco (*id.* 60-61, séc. I) e um fragmento de fundo de prato com engobe vermelho pompeiano (*<7.1-7*, augustano).

2.2.17. C 17

Pavimento: mosaico *in situ*. Semeado de *crustae* quadrangulares negras em *opus tes se latum* branco.

Extensão conservada ou restituível: pavimento quase completo. Escavação levada a cabo: nenhuma.

2.2.18. C 18

Pavimento: mosaico de que se encontraram fragmentos *situ*. Retirado.

Extensão conservada ou restituível: apenas a bordadura monocromática branca.

Suporte: simples camada de argamassa sobre a terra que entulhou o compartimento.

Escavação levada a cabo: decapagem completa.

Da estratigrafia identificada em 95C18A, composta por três camadas, não se registou perfil estratigráfico. Características:

(1) suporte de mosaico.

(2) terras castanhas claras muito compactas.

(3) pavimento de argamassa que nivelou a rocha de base aplanada nalguns pontos.

Arquitectura: o mosaico faz parte de uma remodelação da casa, quando para esta sala se entrava apenas pelo peristilo detectado a oeste (C70). Esta fase de ve assistir à criação de um novo acesso do sector central para o sector oeste da casa: as escadas em C19. Na fase original entrava-se nesta sala por uma porta que, no canto nordeste, abria para o peristilo central; daí passava-se para o sector oeste, mais alto, por uma porta e degrau no canto sudoeste.

A área escavada corresponde a uma fracção do preenchimento da sala que foi deixada por escavar nos anos 40. A relação da sua estratigrafia com as estruturas não é fácil de estabelecer.

2.2.19. C 19 — *copa*(?)

Pavimento: *opus signinum*.

Escavação levada a cabo: nenhuma.

Arquitectura: a escada de acesso a C70 e o corredor de acesso a C25 relacionam-se talvez com uma fase de remodelação da casa, correlativa às alterações arquitecturais detectadas em 08.

2.2.20. C 20 — *triclinium*

Pavimento: mosaico e *opus sectile*. Do mosaico conservam-se duas faixas concêntricas, a de ligação à parede com círculos com uma estrela inscrita alternando com estrelas de oito pontas e outra, com uma composição de suásticas e rectângulos com losangos inscritos, a preto sobre fundo branco.

Extensão conservada ou restituível: toda a bordadura da parte sul (área dos *triclinia*), enquadrando um rectângulo central em brecha (?) - *opus sectile* ?. Parte norte, junto da entrada, talvez não reconstruível.

Suporte: a investigar.

Escavação levada a cabo: nenhuma. Identificaram-se, no cano, fragmentos de pintura a fresco, com imitações de *crustae* que pertenceram, sem dúvida, à decoração original da sala. Na limpeza do suporte recolheu-se uma moeda, ilegível e muito concrecionada, mas que é certamente uma peça da segunda metade do séc. IV.

Intervenções de conservação e restauro: consolidações levadas a cabo pela equipa do Museu Monográfico de Conimbriga.

2.2.21. C 21

Pavimento: mosaico desaparecido à exceção de um pequenís-simo fragmento, correspondente a uma linha de pontas alternas opostas, a branco e preto.

Extensão conservada ou restituível: bordadura?

Suporte: a investigar.

Escavação levada a cabo: nenhuma. Silo tardo-romano ou alto-medieval visível em planta.

2.2.22. C22

Pavimento: mosaico *in situ*. Simétrico (desenho idêntico) a C29 (MMC6x6P/Bn°3795).

Extensão conservada ou restituível: conservam-se apenas vestígios marginais. Zona simétrica a C29 muito lacunar, mas reconstituível.

Suporte: Identificados vestígios de traçado preparatório na argamassa de assentamento, constituído por sulcos, provavelmente produzidos pressionando um fio contra a argamassa ainda fresca.

Escavação levada a cabo: nenhuma.

Intervenções de conservação e restauro: trabalhos de conservação levados a cabo por Rui Cabral (Escola Superior de Tecnologia de Tomar) em 1997.

2.2.23. C22A (?)

Pavimento: mosaico *in situ*, totalmente perdido à exceção de algumas franjas.

Extensão conservada ou restituível: nula.

Suporte: Identificados vestígios de traçado preparatório na argamassa de assentamento, constituído por sulcos, provavelmente produzidos pressionando um fio contra a argamassa ainda fresca.

Escavação levada a cabo: sondagem na metade oeste da sala, com obtenção de um perfil estratigráfico completo.

Intervenções de conservação e restauro: trabalhos de conservação levados a cabo por Rui Cabral (Escola Superior de Tecnologia de Tomar) em 1997.

Estratigrafia identificada: duas únicas camadas (não se reconhece interesse na publicação do perfil).

(1) suporte de mosaico.

(2) terras castanhas sobre a rocha de base.

Arquitectura: verificou-se que a arquitectura desta zona não se encontrava adequadamente representada em planta. A evolução arquitectónica foi a seguinte:

1º, construção dos muros limítrofes do sector.

2º, instalação da compartimentação interna, simétrica, sendo esta sala C22 simétrica, originalmente, de C28. Foi detectado o alicerce do muro oeste e conserva-se a soleira da porta sul. Existia portanto, a norte, uma ala simétrica a C29, o que o mosaico idêntico confirma.

3º, porta sul fechada por um múrete (Foto 5). O fecho da porta deve estar em relação com a abertura de uma porta no peristilo 23 destinada a dar acesso às latrinas exteriores. Decorre portanto, em momento posterior à construção da muralha baixo-imperial e anterior à construção do sector do peristilo truncado, quando essa porta de acesso às latrinas é fechada.

4º, em momento já de abandono da casa, quando estão depositados sobre o mosaico cerca de 20 cm de sedimentos, é construído, apoiado ao muro norte, um pequeno forno de fundição de metais (Foto 6). Com esta construção se relaciona o silo do canto nordeste da sala e a ela se deve atribuir a destruição quase integral do mosaico. Recolheram-se muitos fragmentos de escória e dejectos de fundição.

Materiais: entre os materiais provenientes do estrato 2 foram identificados fragmentos de cerâmica pintada a branco (Fouilles VI 45-46, baixo-imperial ?) e uma asa de jarra em cerâmica alaranjada fina (Fouilles IV 581, flavio-trajânico). Podem ter ocorrido perfurações no suporte do mosaico que não foram detectadas em escavação.

2.2.24. C 23 — *peristilo*

Pavimento: mosaico in situ. Ala este - xadrez bicromo; divisão das alas por tapete; alas sul e norte (?) - composição de hexágonos e quadrados.

Extensão conservada ou restituível: franja a quase toda a volta das alas, melhor conservada a ala este.

Suporte: não investigado.

Escavação levada a cabo: sondagem na ala norte, com obtenção de um perfil estratigráfico completo.

Intervenções de conservação e restauro: trabalhos de conservação levados a cabo por Carmen Bouzas (Escola Superior de Conservación y Restauración de Galicia, de Pontevedra) em 1998.

Estratigrafia identificada em 95 C23A: duas únicas camadas (Perfil 9).

(1) suporte de mosaico (=95C22A(1)).

(2) terras castanhas sobre a rocha de base (=95C22A(2)).

Arquitectura: c.f. C24.

2.2.25. C 24 — *tanque*

Pavimentado e revestido integralmente a *opus signinum*.

Escavação levada a cabo: escavados os caixotões do jardim.

Intervenções de conservação e restauro: trabalhos de conservação levados a cabo por Antonio Cardoso (Escola Superior de Tecnologia de Tomar) e por alunos da Escola Superior de Conservação e Restauro, de Lisboa, em 1996.

Estratigrafia identificada: um único estrato por caixotão. Terras castanhas claras, com material, por vezes com vestígios de revestimentos antigos.

Arquitectura: verifica-se que o que era normalmente interpretado como lóbulos do peristilo que saíam da área coberta, funcionava efetivamente como canteiros dentro do espelho de água do *impluvium*, construídos contra o múrete de tijolo que fechava os intercolúnios à cota do mosaico.

2.2.25.1. *Análise arquitectónica do impluvium lobulado*

A análise deste pátio é condicionada pelo facto de se verificar que todos os muros internos deste sector foram construídos posteriormente aos muros que delimitam o sector.

O *impluvium* propriamente dito é delimitado por um muro de tijolo que suporta as colunas e as paredes dos lados menores (rasgados por janelas) de C21 e C30. Dentro deste muro baixo foram construídos os caixotões que formam os lóbulos. No entanto, demonstra-se que o

topo este do *impluvium* é construído de maneira diferente, fazendo o muro recurso a grandes pedras, verificando-se ainda que as colunas têm verdadeiros embasamentos argamassados. As duas colunas do lado, em frente a C29 e as duas que lhes ficam opostas assentam quase simplesmente sobre a terra, com os plintos fixos por uma pequena quantidade de argamassa.

Uma restituição possível é a existência de uma fase original em que haveria apenas um grande pátio porticado, correspondente a todo o espaço de C21, C23, C24, C28, C29 e C30. O pórtico teria a largura que se verifica na ala este de C24. O pátio seria depois remodelado, construindo-se as salas C23 e C28, completando-se o pórtico e construindo-se ainda as salas C21 e C30. Estas são muito abertas por portas e janelas directamente abertas para o tanque e ainda para o *viridarium* (uma janela em C30) e para o peristilo central e para o *triclinium* (duas portas em C21).

As remodelações a que o espaço assistiria seriam:

a) fechamento das janelas de C21 e C30 que davam para o tanque, elevando a sua soleira cerca de 40cm (Foto 7).

b) fecho da porta sul de C23 e abertura, no canto nordeste de C24, de uma porta de acesso às latrinas este.

c) instalação de jogos de água no *impluvium*. Um rasgo, que recebeu um cano de chumbo, cortando longitudinalmente o *impluvium*, de certeza que funcionou. Transversais a este, seis rasgos, que poderiam ter-se destinado a instalar pequenos repuxos no centro dos lóbulos; não é seguro que se trate de uma obra efectivamente levada a cabo ou apenas de um trabalho interrompido antes de concluído.

A articulação destas remodelações em fases necessita de interpretação.

2.2.26. C 25 — pátio

Mosaico: *in situ*, na bordadura. Monocromático plano negro (Foto 8).

Extensão conservada ou restituível: pequenos fragmentos.

Escavação levada a cabo: nenhuma.

2.2.27. C 26 - sala absidada

Pavimento: mosaico recolocado na posição original. Composição de hexágonos bicromos. Concha e peixes na ábside e aves com grinalda no tapete; estas figurações fazem recurso a amarelo e vermelho.

Escavação levada a cabo: nenhuma.

Intervenções de conservação e restauro: trabalhos de conservação levados a cabo pela equipa do Museu Monográfico de Conimbriga nos anos setenta.

2.2.28. C27 - *peristilo truncado*

Pavimento: mosaico *in situ*. Quadrifólios brancos sobre fundo preto na ala principal; escamas alternadamente brancas e pretas a norte; xadrez a sul.

Escavação levada a cabo: nenhuma.

Intervenções de conservação e restauro: trabalhos de consolidação levados a cabo pela equipa do Museu Monográfico de Conimbriga em 1995.

2.2.29. C28

Pavimento: mosaico *in situ*. Composição octogonal central, com suásticas e losangos, acantonada por cântaros e heras.

Extensão conservada ou restituível: lacunas, não identificável apenas o centro do mosaico.

Suporte: Identificados vestígios de traçado preparatório na argamassa de assentamento, constituído por sulcos, provavelmente produzidos pressionando um fio contra a argamassa ainda fresca. Os traços preparatórios marcavam a linha que delimitava a bordadura do espaço decorado central e o eixo mediano deste último.

Escavação levada a cabo: limpeza das perfurações do mosaico.

Estratigrafia identificada: vestígios de uma ocultação intencional de uma jóia em ouro (anel). Só é explicável se tiver ocorrido com a casa em fase de abandono ou, pelo menos, em fase de não tornar a sofrer reparações.

2.2.30. C29

Pavimento: mosaico *in situ*. Grande círculo preenchido por hexágonos justapostos; bordadura representando uma muralha ameaçada com

torres (aos cantos) e portas (nos centros de cada lado do quadrado em que a figura se inscreve).

Extensão conservada ou restituível: lacunar mas integralmente reconstituível.

Suporte: não investigado.

Escavação levada a cabo: nenhuma.

2.2.31. C30

Pavimento: mosaico *in situ*. Tapete bicromo preto e branco, com estrelas de quatro pontas delimitando hexágonos, alternadamente preenchidos com nós de salomão e hexafólios, e quadrados preenchidos por trevos de quatro folhas.

Extensão conservada ou restituível: muito lacunar.

Suporte: não investigado.

Escavação levada a cabo: nenhuma.

2.2.32. C31

Pavimento: mosaico *in situ*. Composição bicroma de hexágonos irregulares justapostos.

Escavação levada a cabo: nenhuma.

Intervenções de conservação e restauro: trabalhos de conservação levados a cabo pela equipa do Museu Monográfico de Conimbriga nos anos setenta.

2.2.33. C 35-37

Não se conservam os pavimentos

Escavação levada a cabo: nenhuma. Escavados até à rocha nos trabalhos conduzidos pela Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais.

Arquitectura : tal como todo o sector, construído sobre a rua, após a construção da muralha baixo-imperial.

2.2.34. C67

Pavimento: mosaico recolocado na posição original. Composição de quadrados e retângulos, com medalhão central rodeado por trança, a branco e preto.

Extensão conservada ou restituível: toda a sala à exceção do medalhão central.

Suporte: destruídos.

Escavação levada a cabo: nenhuma.

Arquitetura: a sala abre para o peristilo central, funcionando como uma exedra. A sua porta, axial e centrada com o peristilo C61, tinha soleira marcada no mosaico. O restauro dos muros, todavia, obliterou a evidência da porta.

Intervenções de conservação e restauro: a intervenção no mosaico data do início dos anos oitenta, tendo sido levada a cabo pela equipa do Museu Monográfico de Conimbriga.

2.2.35. C68

Pavimento: mosaico recolocado na posição original. Composição de faixas brancas, negras, vermelhas (tesselas cerâmicas) e de outras onde se alternam quadrados negros e quadrados divididos diagonalmente em triângulos alternadamente brancos e negros.

Extensão conservada ou restituível: toda a sala à exceção do medalhão central.

Suporte: destruídos.

Escavação levada a cabo: nenhuma.

Arquitetura: a sala é uma exedra abrindo para o peristilo C10.

Intervenções de conservação e restauro: a intervenção no mosaico data do início dos anos oitenta, tendo sido levada a cabo pela equipa do Museu Monográfico de Conimbriga.

2.2.36. C69

Pavimento: terra

Escavação levada a cabo: nenhuma

Arquitetura: vestígios da passagem do cano de esgoto do peristilo e latrinas de C70.

2.2.37. C 70

Não se conservaram os pavimentos.

Escavação levada a cabo: três áreas distintas:

- limpeza do extremo sul, onde se conserva o *opus signinum* que pavimentou o que devem ter sido as cozinhas da casa.

- decapagem em área da parte central onde se localizou, sob uma camada de argamassa de função desconhecida, mas associável estratigraficamente ao *opus signinum* do extremo sul, um peristilo com tanque central e uma latrina.

- a parte norte não foi objecto de escavação.

Estratigrafia identificada: na zona escavada central, quatro camadas. O perfil estratigráfico (nº 10) foi obtido no centro do tanque, não representando a camada (4).

(1) terra superficial, que por vezes forma bolsas, nem sempre sendo distinguível se se trata de silos tardo-romanos ou alto-medievais ou vestígios de plantios antigos.

(2) nível de argamassa que sobrepôs as estruturas anteriores.

(3) terra castanha de enchimento, por vezes com fragmentos ainda coesos das construções anteriores e, no geral, com muito material de construção. Este forma por vezes lenticulas de material de demolição muito coesas (3 A).

(4) terra castanha clara avermelhada, cobrindo a rochare base.

A continuação da escavação em C70A em 1996, imediatamente a norte da área escavada em 95C70A, delimitou e escavou uma área longitudinal com 2m de largo (posteriormente alargada c. 20 cm para correcção do perfil), que se destinava a identificar o muro limite norte da ala norte do peristilo. A estratigrafia era idêntica.

Arquitectura: verificou-se a existência de um peristilo, em cuja parte central se criou um pequeno tanque rectangular, de tijolos forrados a *opus signinum* (Foto 9). Este peristilo era delimitado na parte sul, da área das cozinhas, por um muro de que se conservaram raros vestígios mas que parece ter sido continuação daquele que forma o topo sul do peristilo central. Existiu, no canto sudeste, uma passagem para junto das escadas de 09. No limite norte do peristilo abria-se uma sala que não foi completamente escavada. A oeste, entre o peristilo e o muro limite da casa, foram instaladas umas latrinas que aproveitavam o espaço de planta triangular aí deixado. O esgoto destas latrinas passava sob o peristilo, de onde recolhia também as águas e

escoava sob C69, provavelmente em direcção à cloaca que passa sob o átrio C2.

2.2.38.1. *Materiais*

Em 1995 identificaram-se nos estratos 2 e 3 alguns materiais que permitem alguma indicação cronológica quanto à evolução desta arquitectura. Os materiais de 1996, que constituirão *terminus ad quem* para a construção, estão ainda em fase de triagem.

2.2.38.1.1. Moedas

um antoniniano de Galieno (?)

2.2.38.1.2. Vidros

fragmentos de duas (?) garrafas prismáticas em vidro azul claro (Fouilles VI 168-169, 60-125 d.C., em Conimbriga sempre post-flaviano)

bordo de um unguentário de cor verde-maçã (Vidros de Conimbriga, 96-98)

2.2.38.1.3. Cerâmicas comuns

fragmento de colo de uma jarra pintada (Fouilles VI45-36, baixo-imperial)

fragmento de bordo de um pote com engobe branco (*id.* 61-62, 1B, trajânico)

dois fragmentos de um vaso decorado com falos

2.2.38.1.4. Paredes finas

dois fundos de taças carenadas “casca de ovo” (*id.* n.º 12, p. 29, 2ª met. séc. II).

2.2.38.1.5. Sigillatas

- fragmento de fundo de prato Drag. 15/17 em sigilatta sud-gálica
 dois fragmentos de fundos de pratos de sigilatta hispânica
 um grande fragmento de tampa em sigilatta hispânica
 um fragmento sem forma de sigilatta clara A
 um fragmento de prato Hayes 50 em sigilatta clara C (Fouilles IV
 256, meados do séc. III-inícios do IV)
 um fragmento de bordo de taça Hayes 58 em sigilatta clara D (*id.*
 262, inícios do séc. IV-meados do V).

2.2.39. *Latrinas este*

Arquitectura: verificou-se tratar-se de latrinas duplas, com duplo acesso, tendo um deles (o de sul, por C23) sido eliminado quando se construiu a ábside de C26.

Materiais: foram recolhidos nas limpezas:

fragmento de fundo de prato de sigillata clara D, de forma não identificável.

fragmento de bordo e pança de taça Drag. 37 decorada, em sigilatta hispânica, que mostra, abaixo do bordo, uma fiada de motivos compostos por uma máscara de teatro sob uma arcatura.

um fragmento de lucerna de tipo Riotinto-Aljuzrel.

2.2.40. *Termas Niridarium. Sondagens junto às termas*

As termas da Casa de Cantaber são um elemento particularmente interessante da casa. São também de análise muito complexa, dadas as múltiplas reconstruções que sofreram durante o período da sua utilização, e dada uma intervenção mais profunda que o normal que a Direcção dos Monumentos Nacionais aí levou a cabo.

Pareceu necessário somar à análise arquitectónica que se pode fazer das termas alguma apreciação dos sedimentos envolventes, na limitada extensão onde eles se conservaram (a Sul, por exemplo, tudo foi escavado até à rocha de base).

Foram feitas quatro sondagens, três a oeste e uma a este, que permitem traçar parcialmente o quadro da evolução do *viridarium* da casa,

antes da primeira construção das termas. Infelizmente, verifica-se que, para além de demonstrar algumas características do trabalho de alicerces dessa construção, as sondagens não fornecem indicadores seguros quanto à sucessão dos elementos de posição insegura dentro das fases de construção identificadas.

A conclusão maior é a da existência prévia de um *viridarium* com um tratamento arquitectónico e decorativo de grande riqueza, incluindo pintura mural de qualidade, pavimentos em *opus sectile* utilizando “verde antigo” e colunas jónicas em estuque.

2.2.40.1. *Área C44 A*

No espaço denominado C44 foi marcada uma sondagem de dimensões irregulares (1,20x2,10) destinada a verificar a relação estratigráfica entre a construção das termas (C43) e os vestígios de construção em tijolo e *opus signinum* aí existentes, possivelmente atribuíveis ao arranjo do jardim (Foto 10).

Estruturas e estratigrafia

Detectou-se um único estrato, de terra amarelada saibrosa, com pequenos fragmentos de pedras, tijolos e elementos de *opus sectile*. Raro, se presente, material.

As construções em tijolo e argamassa estendiam-se em profundidade até à rocha de base (4 fiadas de tijolo). A sul tinham sido trunçadas pela abertura da vala de fundação de C43.

O mesmo parece ter acontecido na restante extensão destas construções, destruídas provavelmente quando a rocha foi rebaixada para instalar o *praefurnium* C42.

Aceitando-se que as termas foram, no geral, instaladas no *viridarium* da casa, estas construções em tijolo fariam parte dele, sendo a cota de solo talvez mais próxima da rocha de base. As construções formariam portanto um(?) grande caixotão quadrado (?), subdividido, no centro(?) do qual se elevaria uma plataforma de *opus signinum* que pode ter suportado uma qualquer decoração ou artifício, escultórica ou aquática, ladeando o plano de água do tanque axial do *triclinium* (C41).

A vala de fundação de C43 tinha o seu topo fortemente argamassado, pelo que o sedimento que a preenchia não foi escavado.

Não houve lugar ao registo do perfil estratigráfico.

2.2.40.2. Área C53 A

Entre as termas e o muro perimetral da casa (em C53) escavou-se uma sondagem tendo por finalidade estabelecer um quadro estratigráfico da ocupação nesta zona. A sondagem foi marcada como uma faixa de 2m de largo, compreendendo 5,40m de longitude total. Sensivelmente a meio ficava um muro, aparente à superfície, que dividia a área em duas de dimensão sensivelmente idêntica.

Estratigrafia

a) A este, entre o muro e as termas, a rocha aflorou imediatamente, tornando evidente a vala de fundação das termas, com c. 60cm de largo e mais de 1m de fundo. Esta vala mostrou ser preenchida por um sedimento (2) idêntico ao solo que cobria a rocha de base, mas incluindo muitas pedras (algumas de grande dimensão), e fragmentos de estuque e de *opus sectile*.

b) Entre o muro central e o muro perimetral da casa verificou-se a seguinte sucessão estratigráfica (Perfil 11):

(1) Terra superficial acinzentada, pouco remexida (limpezas post-escavação da DGMN).

(2) Terra saibrosa, com pedras e algum material (preenche a vala de fundação das termas em a).

(3) Bolsa de terra cinzenta. Inclui muita fauna e cerâmica de tipo tardo-romano/alto-medie vai.

(4) Camada de terra castanha compacta, argilosa, com carvões, chegando a formar uma sub-camada de terra muito queimada (4A). Inclui bastante material, nomeadamente estuque notável pela sua qualidade.

O material não pôde ainda ser triado e estudado.

2.2.40.2.1. Estruturas

O muro das termas propriamente dito mostrou uma boa construção em *opus vittatum*, sem particularidades de nota. A importância da vala de fundação corresponde ao esforço feito à altura da construção para rebaixar toda a zona a construir por forma a que todos os *hipocausta* ficassem abaixo do nível do solo original. Dado o declive da rocha de base não ser importante, foi por escavação que se conseguiu este desiderato. É frequente na bibliografia alguma alusão ao carácter

negligente (quando não incompetente) da construção das termas, mas neste particular isso não se verifica.

O muro limite da casa é uma construção em *opus incertum* que faz ocasionalmente recurso a grandes blocos de pedra e que parece ter recorrido sistematicamente, nas esquinas, a grandes silhares almofadados (Foto 11). A sua fundação é estranha, muito mais larga que o muro (excede-o em 60 cm) e de boa construção argamassada (o que nem sempre acontece com o próprio muro); a sua análise não é simples.

O muro central é um elemento problemático na planta da casa, e as suas características estruturais não promovem a solução dos problemas, antes pelo contrário. Em escavação verificou tratar-se de uma construção formando face, em degrau, apenas para a zona oposta ao muro perimetral, sendo a zona interna composta por um entulhamento pouco estruturado. Verificou-se ainda a existência de um contraforte escalonado (Foto 12). O mesmo parece acontecer no muro entre C32 e C34; tratar-se-ia, possivelmente, do estilóbato do pórtico que rodearia o *viridarium*, cujo topo sul teria sido destruído com a construção das termas (talvez o muro sul de C48 ainda lhe corresponda). Estas intervenções no pórtico seriam ainda responsáveis por algumas irregularidades no muro perimetral da casa, que referimos antes.

2.2.40.3. *Área C53B*

Ainda no espaço C53 (a numeração é insuficiente nesta zona da casa) marcou-se uma sondagem abrangendo dois elementos distintos das termas C43 e C45(ábside). Na área externa, as dimensões da sondagem eram 2,75x1,34. Verificou-se ainda o estado de escavação e conservação de elementos arquitectónicos em C43.

Os vários elementos compreendidos foram construídos segundo uma sucessão que pôde ser verificada da seguinte forma:

1 — foi construída a sala rectangular C43 (características da vala de fundação apreciadas na sondagem C44A).

2 — foi posteriormente construída a ábside C45, que destruiu a parte sul de C43.

3 — a parte noroeste da ábside C45 foi ainda por sua vez destruída pela ábside C53.

Na limpeza de C43 verificou-se que as plantas existentes não tinham individualizado um fragmento de muro em pedra e tijolo que corres-

ponde a uma fornalha. A sua posição torna difícil a sua análise, especialmente porque parece que a única interpretação estratigráfica possível seja a de que se trata de um elemento anterior à construção de C43, deixado íntegro no meio do entulho que preencheu esse espaço até à sua cota de utilização. A sua conservação nesta situação é, no entanto, estranha.

2.2.40.4. C34.1, A e D

O arranjo do espaço C34, que é de grande movimento de visitantes porque por aí se tem acesso ao frigidarium das termas (ponto de boa visibilidade de toda a estrutura e da casa em geral), aconselhou a escavação de uma zona onde a conservação do sedimento (não perturbado) a cotas mais altas provocava a criação, no Inverno, de poças de água e lama. Parecia ainda ser um bom local para ter acesso, neste lado, à estratigrafia da construção do *frigidarium*.

Na zona onde o sedimento se conservava a cota mais alta foram marcados dois quadrantes opostos, designados 34.1, A e D aqueles já escavados, B e C aqueles que virão a ser escavados quando se proceder ao arranjo da área.

Estruturas e estratigrafia:

Abrangendo um espaço entre dois muros distintos, o *ào frigidarium* e aquele que parece poder ter sido o estilóbato do pórtico do *viridariumi*, a pequena dimensão das sondagens não iluminou grandes questões estruturais. Confirmou a boa construção das termas, tornou a demonstrar a existência de contrafortes ao muro-estilóbato e reforçou o facto de todas as estruturas terem procurado fundação na rocha de base, **à excepção dos contrafortes.**

Verificou-se a seguinte sucessão estratigráfica (interessando ambos os quadrantes. Cf. Perfil 12):

(1) Bolsa de terras cinzentas, com muito material, correspondendo precisamente ao acumular de detritos que formava o ponto de cota mais alta ao iniciar a escavação. O material demonstrou ser constituído, maioritariamente, por fauna e cerâmicas de tipo tardo-romano/alto-medieval.

(2) Bolsa de revolvimento com muita pedra (no extremo sul de 34.1 D).

(3) Terra amarelada com muito saibro e algum material (3A). A cerca de 85cm de profundidade existia um nível, frágil mas bem ho-

rizontalizado, de argamassa. A esta mesma cota verifica-se no perfil norte de 34.1 A um nível horizontal do topo das pedras que se tornam mais comuns e de maiores dimensões daí para baixo, correspondendo à individualização de um nível 3B. Recolheram-se aqui grandes fragmentos de entablamentos e colunas revestidas a estuque, aparentemente da ordem jónica.

Este interface 3A/3B deve corresponder ao nível da obra da construção das termas. O material recolhido abaixo deste deve ser restituído às construções então destruídas.

O material encontra-se ainda em fase de triagem e análise preliminar.

2.3. *Hipóteses de cronologia*

Os materiais recolhidos em estratigrafia e seleccionados na triagem, logo desde 1995 foram os suficientes para dizer que a casa não foi certamente construída antes dos meados do séc. I da nossa era. A ausência de uma quantidade apreciável de material atribuível ao espaço de finais desse século e século II autoriza uma datação da construção da grande casa na época flaviana. Vestígios do programa decorativo desta fase original, designadamente pintura mural estratigraficamente anterior aos mosaicos em C6 e C14, são infelizmente demasiado frustes para permitirem caracterização.

A casa não é construída numa ínsula vazia. Existia aqui um edifício de características definidas, de que se pode apontar com alguma certeza o esboço geral da sua planta, cuja datação é verosimilmente pré-claudiana, pelo menos a avaliar pelos dados de 02.

Acerca dos mosaicos, só em C22 se recolheu material de datação mais avançada que os meados do séc. II, mas resta ainda proceder à triagem dos materiais de C14, que são mais abundantes. Uma datação plenamente antoniniana dos mosaicos, talvez sugerida pelo uso sistemático de padronagem monocromática sobre fundo branco, poderá talvez ser encarada quando for concluída a triagem dos materiais.

Seguro é a casa ter sofrido uma profunda remodelação, numa data avançada do séc. III, que pode até atingir o séc. IV. Nesta data se destrói o peristilo oeste, passando essa área da casa a ser um largo espaço de pavimento argamassado, com o qual talvez se relacione a área de *opus signinum* que, comumente designada de cozinha, podemos apenas

tomar como seguro que não teve uso residencial (talvez industrial). Associar esta fase à construção da muralha (relocalização das actividades comerciais e industriais) é permitido pela cronologia e fará, talvez, alguma lógica arquitectónica.

Por outro lado, a adaptação do espaço incorporado à casa pela construção da muralha baixo-imperial não foi efectuada numa única ocasião. Detectam-se duas fases, uma em que se constroem as latrinas e outra em que as salas do peristilo truncado são então construídas. Estes dois momentos ter-se-ão escalonado ao longo do séc. IV. Ainda nesta data devem ter ocorrido restauros (ou remodelações ?) dos pavimentos musivos, que explicam a moeda do séc. IV recolhida na argamassa de C20 (sem que se possa assegurar que o achado date o mosaico aí conservado).

Em período de abandono e descaracterização da sua arquitectura, a casa é utilizada como espaço industrial de fundição (de metais nobres?). A esta fase se devem associar os enterramentos datados por moedas de Honorio a que Vergílio Correia fez menção (1938), no sentido de que a detecção de restos de silos nos canteiros do tanque central parece indicar que o arranjo aquático ajardinado teria deixado de funcionar ao longo do séc. V, como o material das canalizações de CIO testemunha.

Com este conjunto de dados, sai reforçada a hipótese de o início da destruição activa da casa ter tido lugar depois de 465/468, período em que está documentada a destruição de (pelo menos parte) da cidade por Suevos. A atribuição da casa a Cantaber, aristocrata referido no mesmo passo da Crónica de Hidácio, sai reforçada dada a plausibilidade de uma residência desta dimensão e com estas características (nas datas em questão, virtualmente única na cidade) dever ser propriedade de um indivíduo de tal nível sócio-político.

A cronologia da casa poderá ser provavelmente apontada de forma mais precisa quando estiver concluída a triagem e o estudo dos materiais recolhidos em estratigrafia.

2.4. *Questões urbanísticas*

Produto de uma mesma corrente arquitectónica, a casa faz, com as informações recolhidas, um peculiar contraste com a casa dos repuxos. Aí temos a remodelação de um grande edifício de uso comercial e artesanal, que o transforma numa grande residência de características bur-

guesas. A insula onde se localiza a casa de Cantaber, que talvez tenha sido dividida em lotes como aconteceu com aquela, situada a leste, onde se localizam as casas dos esqueletos e da cruz-suástica, vem, no entanto, e com uma fase transitória de difícil descrição, dar lugar à construção de raiz de um grande palácio (designação que se lhe deu nos anos 30 e que não parece exagerada. Cf. Barton, 1996) que, para além de pequenas alterações de pormenor, parece não sofrer remodelações significativas até que, em finais do séc. III ou inícios do IV, a grande convulsão urbanística da cidade também o atinge.

Note-se ainda que a localização da casa de Cantaber levanta problemas urbanísticos complexos, pela sua grande dimensão, agravados agora pela sua comprovada construção em data avançada dentro do séc. I.

Sumariemos rapidamente os dados:

- as construções que a rodeiam pelo norte e nordeste (junto do aqueduto, casa dos repuxos, lojas a sul da *via decumana*) são de construção seguramente da primeira metade do séc. I, provavelmente do primeiro quartel (e com isto tentamos dar um equivalente menos simbólico à expressão “augustana”).

- as termas extramuros (a sudeste da casa) parecem também ser de datação antiga, tal como as construções originais das casas a este.

- por essa data o povoado indígena teria atingido a sua extensão máxima: o *castellum aquae* marca, por exclusão, esse limite, a partir do qual foi necessário construir subterraneamente o aqueduto. A rua que limita a oeste a casa de Cantaber deve coincidir grosso modo com a faixa exterior a uma eventual muralha da Idade do Ferro.

Assim, e considerando que a *decumana*, no seu traçado romano, deve coincidir com o principal acesso ao povoado indígena, o *trivium* a norte da casa de Cantaber localizar-se-ia no ponto nuclear da articulação entre a área urbana pré-romana e a extensão que a nova muralha lhe ofereceu. O problema reside, portanto, em verificar que este quarteirão se mantém sem construções de entidade durante um largo espaço de tempo (30,40, 50 anos) vindo a ser ocupado por uma grande construção residencial cuja arquitectura tem paralelos imperiais (ALARCÃO, A. e V. Correia, 1993. ALARCÃO J.e R. ETIENNE, 1981. *Id* 1986).

Imediatamente a sul da casa de Cantaber, verificou-se numa pequena sondagem, localizada em 99CBAS64A, a preexistência a esta casa e às próprias termas da muralha (que são muito provavelmente flavianas), de uma fase edilícia que, sendo tecnicamente romana - muros

ligados por argamassa de cal e soleiras de porta com marcas de gonzo e trinco - obedece a uma orientação distinta das construções que vêm a constituir a ossatura do urbanismo de Conimbriga tal como mais imediatamente o apreendemos e que é, portanto, testemunho de um cadastro anterior. Podemos daqui concluir que a distância dos eixos viários condiciona a evolução particular de cada um dos lotes ou áreas dos lotes em que a cidade se dividiu.

Esta extensão em data tardia das construções para longe dos eixos viários principais, que vai dar origem, por exemplo, à construção das próprias termas da muralha no período flaviano, teve implicações urbanísticas importantes, designadamente pelo facto de vir a ser responsável por sucessivos desajustes entre plano e pre-existências, resolvidos de formas diversas, nem todas felizes.

3. Análise arquitectónica

3.1. A *entrada*

A casa de Cantaber ocupou uma *insula* muito central no padrão urbano de Conimbriga. Com um dos lados menores aberto para o *trivium* que é nodal no *vicus novus* da parte leste da cidade (acrescentada pela muralha augustana ao velho perímetro do povoado indígena), o fechamento da casa em todos os três restantes lados (excepção feita à porta da área de serviços) contribuiria por si só para fazer convergir no pórtico de entrada (CI) a atenção dos viandantes.

Na análise estratigráfica de CI (escavada em 1995, a sondagem CIA foi rectificada nos perfis em 1996 e foi feita a sua análise estratigráfica), verificou-se uma sucessão estratigráfica relevante nas suas implicações arquitectónicas e de evolução da casa, nomeadamente pela pertença do pórtico conservado, muito provavelmente, a datas contemporâneas da construção da muralha, existindo uma fase anterior, com colunas estucadas e pintadas de vermelho. Esta interpretação estratigráfica tem implicação na datação possível do plinto de coluna epigrafado MAE(LO), que se encontra no pórtico.

Os dados recolhidos nas sondagens de 1997 são importantes por darem uma imagem antes insuspeitada: a da existência de uma fase de construção, digna desse nome, que não corresponde à fisionomia resi-

dencial da casa tal como a sua planta geral a define. Uma certa regularidade do traçado dos muros desta zona da entrada suporta a hipótese de esta zona ter sido num determinado momento dividida em espaços de dimensões regulares, com acesso pela rua, certamente. A manutenção de partes de *insulae* desocupadas, ou sub-ocupadas, antes de um programa geral de construção foi provavelmente vulgar.

A casa de Cantaber desenha, à medida, a mesma estratégia de posicionamento urbano da única entrada do forum flaviano. A vizinha casa dos repuxos resolveu este problema (considerando que de um problema se trata, criado pela necessidade socialmente condicionada de representação dos proprietários) pela monumentalização da fachada, o que talvez não tenha acontecido aqui. A larga porta do vestíbulo (C2) corresponde exactamente a dois módulos do intercolúnio do pórtico e o eixo das pilastras que a flanqueavam parece corresponder ao eixo de duas colunas deste, de onde concluímos que, a não ser provável um intercolúnio de dois módulos a meio do pórtico, que necessariamente corresponderia a bases de maior dimensão de que não se encontraram vestígios, o pórtico diante da casa de Cantaber corria uniforme e era sob ele que se abria a grande porta, única abertura axial da casa (contrariamente ao que é por vezes reconstituído).

O enorme vestíbulo mantém vários enigmas:

- a cobertura. É claro que às casas de Conimbriga já não chegam os ecos da polémica sobre a origem e evolução da casa de átrio e da perda de importância deste frente ao peristilo: no período imperial, nas províncias ocidentais, as casas centram-se num peristilo e têm uma entrada mais ou menos vasta, coberta à maneira de um átrio testudinato, que perdeu as antigas funções do átrio, tratando-se propriamente de um *vestibulum* ou *cavaedium*. Mas em alguns casos (e a casa de Cantaber será um paradigma) a obra de carpintaria necessária à execução da cobertura seria sem dúvida notável. Não é possível determinar se a cobertura da casa seria, à maneira vitruviana, composta por volumes destacados de uma cércea geral das coberturas, ou se os construtores provinciais terão optado por coberturas mais monótonas mas mais económicas, cobrindo homogeneamente vários compartimentos da casa que fossem redutíveis a um espaço geometricamente regular. Poderia efectivamente ser isto que acontecia com a casa de Cantaber, que se divide em rectângulos regulares, com pequenas excepções. Os grandes volumes do átrio e do *triclinium*, todavia, não poderão ter sido cobertos de outra forma que não mediante uma elevação dos seus alçados,

que podem ter sido marcados exteriormente por pedimentos, que tinham também uma função emblemática ou simbólica.

- o pavimento. Restando apenas dois fragmentos de mosaico em zonas marginais do vestíbulo, e considerando que as escavações de 1899 atingiram a sala C6, que lhe fica próxima, é tentador atribuir ao centro do vestíbulo outro mosaico dos que foram encontrados naquela data, até porque a documentação não mostra claramente áreas escavadas em extensão noutros pontos da cidade que não sobre a casa de Cantaber. O mosaico do Minotauro no Labirinto seria, aliás, o perfeito candidato para ocupar este ponto. Todavia, não existem argumentos arqueológicos ou estilísticos para suportar esta teoria e existe até um argumento *ex silentio* que a contradiz: em C6 pôde-se encontrar a evidência dos trabalhos de arranque do mosaico, o que não aconteceu aqui. Também não é claro como se pudesse fazer a ligação entre a bordadura de quadrados que aqui se identificou e os restantes mosaicos. É mais provável que a maioria dos mosaicos encontrados em 1899 venha de outro qualquer lugar da cidade e que, tal como aconteceu noutros pontos da casa, os mosaicos do átrio se tenham perdido.

Num arranjo que se conhece também na casa dos repuxos, o vestíbulo abre-se para o peristilo central por três vãos de abertura desigual (o central mais amplo). O peristilo central de 6 x 8 colunas (contando duas vezes as dos cantos) organizava todos os espaços da casa, mas era contido nas suas aberturas: uma *celia* a norte, três (antes quatro) portas a sul, uma exedra à direita¹. A exedra é de pequenas dimensões e o seu modesto mosaico, com grande efeito decorativo embora, fazia apelo a um material pouco nobre como as tesselas cerâmicas.

3.2. *O peristilo central e a área do peristilo oeste.*

O peristilo central é a peça fundamental da casa, particularmente na sua fase de construção que é marcante do ponto de vista arquitectónico. A solidariedade construtiva deste peristilo com o *triclinium* é indesmentível, e é também importante a sua relação com a área do peristilo oeste. Ora a articulação destes vários espaços demonstra que a construção do grande plano arquitectónico da casa, ortogonal e axial -

¹ Na descrição assume-se que a planta está orientada para o visitante, ou seja, com o sul no topo da página (pese embora a inconveniência). Assim, “direita” é sempre o Oeste, “esquerda” o Leste, “em frente” significa em direcção a Sul e “atrás” é o Norte.

mente desenvolvido, absorve a zona extrema a oeste (de limites divergentes) pelo artifício das latrinas. É portanto possível concluir que:

a) a rúa a oeste da Casa de Cantaber é um eixo viário que antedata a casa.

b) as pré-existências que o plano da casa respeita são o bloco original da fachada e a rúa a leste da casa.

c) a construção da casa leva à absorção, na sua ínsula, de terrenos de limites imprecisos (*arcifinae*), marginais à estrutura topográfica e cadastral pré-determinada.

Este facto reveste-se de particular interesse por se verificar tratar-se, em essência, do mesmo fenómeno que vamos encontrar, no período terminal da casa, com o peristilo truncado.

O tanque central do peristilo reproduz, num esquema simples mas que é tornado grandioso pelas dimensões, o padrão dos canteiros ajardinados implantados num espelho de água que se conhece em Conimbriga e que tem sido atribuído a ecos da arquitectura imperial de Roma. Também aqui existia um sistema de repuxos múltiplos e, descoberta que se deve ao excelente trabalho de conservação levado a cabo, deve ter existido um programa decorativo de estatuária de pequenas dimensões, que deve ter ocupado os plintos cujos embasamentos se detectam sistematicamente como recortes quadrangulares que se abrem nas lajes que rematam o mosaico nos intercolúnios ou, onde elas já faltam, como engrossamentos da argamassa que as suportavam. A estatueta de Minerva (Catálogo nº 532), que é um dos mais conhecidos achados de Conimbriga, provém do tanque central, mas não é seguro que fosse essa uma das estatuetas em questão, a sua demasiado pequena dimensão não parece compatível com os cerca de 15x15 cm de planta que os plintos, ou dados, devem ter tido.

Outra questão em aberto é a do ajardinamento dos canteiros. Nalguns deles, a terra é muito pouca, naquele que denominamos C (a noroeste) ela é até quase nenhuma. Infelizmente está-se, em geral, demasiado preso aos modelos renascentistas e modernos, italianos ou italianizantes que, seguidos nos restauros em Conimbriga, na casa dos Repuxos, ou em Fishbourne, por exemplo, nos impedem de visualizar um jardim cujo elemento vegetativo não seja pelo menos tão geometrizado quanto a arquitectura. Mas, muito provavelmente incorre-se em erro, como alguns exemplos pompeianos sugerem, e a própria irregularidade do substrato disponível para a vegetação, que por vezes se reduziria a escassos centímetros, milita também neste sentido. Por

outro lado, parte do aparato do jardim poderia ter sido conseguido com construções pintadas e incrustadas de conchas, e não apenas com o elemento vegetativo.

Ao fundo do peristilo, axialmente, entrava-se para o *triclinium*. O eixo visual prolongava-se para o exterior através da janela fundeira e, uma vez entrado, o visitante assistia à multiplicação deste eixo, bilateralmente, pelas janelas laterais, que davam para os tanques de C24 e C25, da mesma forma que passagens davam acesso a outros sectores da casa, o do peristilo lobulado e, através de C1 9 (que de ve ter sido uma copa) à zona de serviços. Esta *scaenographia* era arquitectónica e socialmente o *fulcrum* da casa e, dois passos dados dentro do *triclinium*, o visitante está sensivelmente a meia distância na *insula* que a casa ocupa.

À esquerda da ala sul do peristilo tinha-se acesso, por C21, ao sector do peristilo lobulado.

Do lado oposto, cumpre referir urna das mais interessantes alterações que a arquitectura da casa sofreu: a substituição da passagem entre o peristilo central e o sector do peristilo oeste, que deixou de se fazer por C18 (através de dois degraus internos que venciam o desnível) para passar a fazer-se através da copa C19 e das escadas que aí davam acesso ao jardim e à cozinha. Esta alteração, que contribuiu para manter a um nível elevado de exigência a circulação pelo peristilo central, não só demonstra as preocupações reinantes na gestão da casa, como também nos diz algo sobre a natureza da circulação nos espaços em redor do peristilo C62, que era sem dúvida modesta, senão de nível verdadeiramente servil.

Infelizmente, o estado de conservação e as dificuldades de desenvolvimento do programa de investigação relegaram esta área para uma posição secundária. Identificou-se o jardim central do peristilo com um tanque (C61), umas latrinas duplas que ocupam um “esconso” da planta de uma forma assaz artificiosa e verificou-se uma característica comum dos espaços de serviços das casas romanas: os acessos estreitos e tortuosos.

Podia chegar-se a este sector, directamente do vestíbulo, através de C7, que era uma *cella ostiaria*, provida de lareira elevada sobre soco de pedra. Um corredor (C8), que vencia um desnível importante (não é completamente claro se recorreu a degraus) dava acesso a uma sala de serviços (C69) e, através de um estreitíssimo corredor instalado sobre uma cloaca, ao peristilo C62. Para este abriam duas salas: C67, coberta de mosaico simples, mas que parece ter comportado um em-

blema e C65, incompletamente escavada, mas que parece poder reconstituir-se como urna *cenatio*.

Voltando ao vestíbulo, tinha-se dele acesso, pela esquerda de quem entrava, ao sector residencial da casa.

3.3. O sector leste (do peristilo em pi)

O grande rectângulo, desenhado pelas salas que abrem para o peristilo em pi ou que com estas comunicam, constitui sem dúvida a parte privada da casa, dotada de *cubicula* e de uma *cenatio* própria (C6). A sua construção parece ter sido homogénea, ainda que algumas vezes remodelada a nível de decoração (estuques de C6 e C14 e o próprio peristilo); faz parte, portanto, da fase mais marcante da existência da casa.

A forma como este sector se isola do eixo principal de acesso da casa, simétrica à forma como o sector oeste o faz (para o lado oposto, mas com uma projecção arquitectónica e social completamente diferente, porque menos elaborada) constitui um dos fenómenos mais interessantes da casa de Cantaber, enquanto produto construído de uma determinada posição social de que, infelizmente, nem sempre se tem encontrado eco nas análises feitas.

A sala C4, coberta de um simples mosaico branco, tal como os corredores adjacentes, servia de tampão a um acesso demasiado imediato ao peristilo C12. Para ela abria-se uma pequena *cella* (C3) e para o corredor abria-se um pequeno *cubiculum* (C5) cuja entrada era constituída por porta e cancela (?) assente sobre uma pequena soleira de pedra.

Entrava-se no peristilo 02 pelo canto sudoeste.

Na ala à esquerda abria-se a porta para a grande sala C6 cuja localização, dimensões e padrão de pavimento musivo (assumindo como correcta a nossa restituição) fazem identificar como uma *cenatio*.

Na ala sul ficavam um grande *cubiculum* (C14), de cuja decoração pouco sabemos, dada a degradação sofrida pela evidência, mas que devia ter ecos do padrão também utilizado na sala da çaçada na casa dos repuxos (pilastras ritmando painéis), e uma outra sala cuja função era mais de corredor (C15) do que de estância, a julgar pela sua planta alongada e pela função de circulação que inevitavelmente tinha. *Cubiculum* e corredor comunicavam não só pelo peristilo, mas também directamente.

Ao fundo deste corredor ficava outro *cubiculum* 06 que, por sua vez, abria para uma sala de recepção que articulava três blocos distintos da casa. Esta sala (07), para além de dar acesso, como se viu, à parte residencial da casa, abria, por uma porta de dois batentes e trinco, para o peristilo central. Abria ainda, para uma das *alae* do peristilo lobulado. Esta entrada era marcada por duas colunas e, no mosaico, por uma tapete com decoração geométrica. Esta marcação arquitectónica do eixo principal de circulação é muito interessante na medida em que contrasta com outros pontos morfológicamente idênticos na estruturação da casa, mas que não têm aparato arquitectónico comparável.

Esta sucessão de compartimentos, de C4 a 07, ficava, portanto, demarcada por um espaço tampão (C4) provido de instalações para pessoal servil que guardasse a entrada e por uma sala cuja relação com os espaços circundantes pode ser alterada conforme as circunstâncias (virtude da porta com trinco) mas cujo eixo de circulação normal é marcado simbolicamente.

3.4. *O sector do peristilo do impluvium lobulado*

O conjunto dos compartimento 21-25/28-30 é, porventura, o mais interessante da casa. Infelizmente, foi também um dos que mais sofreu ao longo dos tempos de abandono, soterramento e reexposição da casa. Dos seus mosaicos restam dois em bom estado e vestígios de outros três enquanto outros dois se perderam por completo (C21 e C22a), mas a sua arquitectura, no essencial, resistiu.

Entrava-se neste sector pelo canto sudoeste, fosse vindo da parte residencial da casa, através de 07, entrando-se por isso em C22, fosse directamente do peristilo central, por C21, ou, ainda por aí, do *triclínium* central. A entrada faz-se, portanto, obliquamente: todavia, é a axialidade do conjunto que é marcante.

O peristilo é ladeado por três pares de ambientes distintos entre si. A oeste, C21 e C30 abrem para as *alae* e têm uma curiosa janela directamente aberta para o *impluvium*. A leste, C28 e C22A constituem uma espécie de pavilhões isolados pelas *alae* C22 e C29 que estabelecem o verdadeiro eixo deste sector, que liga a porta de acesso da parte residencial da casa à porta de acesso ao *viridarium*. Estas *alae* têm o seu pavimento coberto por um mosaico idêntico, o que reforça a axialidade. O eixo fundamental de circulação entre a parte residencial e o jardim

da casa é assim enquadrado por um conjunto de salas que se devem classificar como *diaetae*. Também aqui a *scaenographia* é importante. Ao visitante é oferecido, de C21 a C30 e mais além, um eixo suplementar, mais íntimo, para ver o jardim. Um eixo paralelo, mais monumentalizado, é o de C22 a C29. C22A e C28 são o último reduto do habitante (o que explica a colocação escolhida tardiamente para o conjunto C26/27/31) e é à porta de C28 que encontramos aquele curioso motivo apotropaico do labirinto de tipo Mogor (Oleiro 1994).

3.5. *O viridarium*

As termas da Casa de Cantaber são um elemento importante da casa. A conclusão mais interessante dos trabalhos é a da existência prévia de um *viridarium* com um tratamento arquitectónico e decorativo de grande riqueza, incluindo pintura mural de qualidade, pavimentos em *opus sectile* utilizando *verde antico* e colunas jónicas em estuque.

O jardim, que ao visitante se apresentaria, na prática, como um vastíssimo peristilo, coroaria a casa. C41, o tanque axial ao *triclinium*, foi muito provavelmente uma espécie de *Canopus*, atingindo porventura o pórtico de C52 (um arranjo idêntico àquele, reduzido, de C61). Só em C42, todavia, restam ténues vestígios do que foi o arranjo e ajardinamento do jardim.

As construções em tijolo, analisadas em 1996, fariam parte do *viridarium* cuja cota de solo era próxima da rocha de base. As construções formariam um(?) grande caixotão quadrado (?), subdividido, no centro(?) do qual se elevaria uma plataforma de *opus signinum* que pode ter suportado uma qualquer decoração ou artifício, escultórica ou aquática, ladeando o plano de água do tanque axial do *viridarium* (C41).

Noutros pontos, o muro das termas propriamente dito mostrou uma boa construção em *opus vittatum*, sem particularidades de nota (sobre as termas remetemos para Correia e Reis 2000). A importância da vala de fundação corresponde ao esforço feito à altura da construção para rebaixar toda a zona a construir por forma a que todos os *hipocausta* ficassem abaixo do nível do solo original. Dado o declive da rocha de base não ser importante, foi por escavação que se conseguiu este desiderato. É frequente na bibliografia alguma alusão ao carácter negligente (quando não incompetente) da construção destas termas, mas neste particular isso não se verifica.

Já o muro limite da casa é uma construção em *opus incertum* que faz ocasionalmente recurso a grandes blocos de pedra e que parece ter recorrido sistematicamente, nas esquinas, a grandes silhares almofadados. A sua fundação é estranha, muito mais larga que o muro (excede-o em 60 cm) e de boa construção argamassada (o que nem sempre acontece com o próprio muro) e a sua análise não é simples.

Um elemento problemático na planta da casa é o muro envolvente das termas, e as suas características estruturais não promovem a solução dos problemas, antes pelo contrário. Em escavação verificou tratar-se de uma construção formando face, em degrau, apenas para a zona oposta ao muro perimetral, sendo a zona interna composta por um entulhamento pouco estruturado. Verificou-se ainda a existência de um contraforte escalonado. O mesmo parece acontecer no muro entre C32 e C34; tratar-se-ia, possivelmente, do estilóbato do pórtico que rodearia o *viridarium*, cujo topo sul teria sido destruído com a construção das termas (talvez o muro sul de C48 ainda lhe corresponda). Estas intervenções no pórtico seriam ainda responsáveis por algumas irregularidades no muro perimetral da casa, que referimos antes.

3.6. *O sector do peristilo truncado*

A adaptação do espaço incorporado à casa pela construção da muralha baixo-imperial não foi objecto de uma única fase de construção. Detectam-se duas, uma em que se constroem umas latrinas e outra a que pertencem as salas do peristilo truncado.

O conjunto do peristilo e das duas salas que para ele abrem é um testemunho interessante da aplicação em Conimbriga de um esquema arquitectónico de espírito áulico, o da sala absidada, que neste caso (falta de espaço para se desenhar como noutros casos conhecidos), escolhe a implantação e recorre a um dispositivo tecnicamente desnecessário (a sobrelevação que obriga à aproximação por meio de degraus), para impôr o efeito cenográfico pretendido.

3.7. *Bibliografia*

ALARCÃO, Adília Moutinho, *Museu Monográfico de Conimbriga. Colecções* (Lisboa, IPM, 1994). [=Catálogo]

Conimbriga, 40 (2001) 83-140

- ALARCÃO, Jorge, *Fouilles de Conimbriga — V — La céramique commune locale et régionale* (Paris, M.A.F.R / 1975). [= Fouilles V]
- ALARCÃO, Jorge de, “Arquitectura romana”. In Alarcão, Jorge de (coord.) *Historia da Arte em Portugal*, Vol 1, Do Paleolítico à arte visigótica (Lisboa, Pub. Alfa, 1986), p. 75-1103.
- ALARCÃO, Jorge, DELGADO, Manuela; MAYET, Françoise; MOUTINHO ALARCÃO, Adília e PONTE, Sálete da; *Fouilles de Conimbriga — VI — Céramiques diverses et verres*. (Paris M.A.F.P. / M.M.C., 1976). [=Fouilles VI]
- ALARCÃO, Jorge de e ETIENNE, Robert, “Les jardins à Conimbriga (Portugal)”. In *Ancient Roman Gardens* (Dumbarton Oaks, Harvard University, 1981, Seventh Dumbarton Oaks Colloquium on the History of Landscape Architecture), p. 69-80.
- ALARCÃO, Jorge de e ÉTIENNE, Robert, “Archéologie et idéologie impériale à Conimbriga (Portugal)”. In *Comptes Rendus de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres-1986* (Paris, E. De Boccard, 1986), p. 120-132.
- BARTON, Ian M. (ed.) *Roman Domestic buildings* (Exeter, Un. Press, 1996).
- CORREIA, Vergílio, “Excavações em Conimbriga”. *Arte e Arqueologia* 1 (fase. 3), 171-3. (reimp. *Obras IV*, Coimbra, *Acta Universitatis Conimbrigensis*, 197, 305-7), p.171-173.
- CORREIA, Vergílio, Conimbriga. *Notícia do “oppidum” e das escavações nele realizadas* (Coimbra, Tip. Gráfica de Coimbra, 1936).
- CORREIA, Virgílio Hipólito, “Desenvolvimentos recentes da investigação arqueológica em Conimbriga”. In Alvarez Palenzuela, V. (ed.), *Jornadas de Cultura Hispano Portuguesa* (Madrid, Un. Autónoma, 1999), 11-32.
- CORREIA, Virgílio Hipólito e REIS, Maria Pilar, “As termas de Conimbriga: tipologias arquitectónicas e integração urbana”. In Fernandez Ochoa, C. e Garcia Entero, V. (ed.) *Termas Romanas en el Occidente del Imperio* (Gijón, VTP Editorial, 2000, Serie Patrimonio 5), 271-280.
- DELGADO, Manuela, MAYET, Françoise e MOUTINHO ALARCÃO, Adília, *Fouilles de Conimbriga — TV — Les sigillées*, (Paris, M.A.F.P./M.M.C., 1975). [=Fouilles IV]
- Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, *Ruínas de Conimbriga*. (Lisboa, MOP, *Boletim Monumentos*, nº 52-53, 1948).

- ETIENNE, Robert, FABRE, Georges, LÉVÊQUE, Pierre e LÉVÊQUE, Monique, *Fouilles de Conimbriga -II- Épigraphie et Sculpture*, (Paris, M.A.F.P./M.M.C., 1976). [=Fouilles II]
- FERRÃO, Feonor, “A casa de Cantaber”. In Maciel, M. Justino (coord.) *Miscellanea em Homenagem ao Professor Bairrão Oleiro* (Lisboa, Ed. Colibri, 1996), p. 189-232.
- KNORR, Marcus, Geodetic Reference System for the Archaeological Museum in Conimbriga (Coimbra, 1991, no arquivo do MMC).
- LANCHA, J. e André, P., “De la trace à la restitution des mosaïques in situ: la mosaïque aux étoiles de la Villa de Torre de Palma”. In *Actas da V Conferência do ICCM* (Conimbriga, Museu Monográfico 1994), 169-176.
- OLEIRO, João Manuel Bairrão. “Mosaicos de Conimbriga encontrados durante as sondagens de 1899”. *Conimbriga* XII (1963), p. 67-158.
- OLEIRO. João Manuel Bairrão. “Mosaïques romaines de Conimbriga”. *LcPortugal de laprê/iistoire à Vepoque romaine* (Dijon, 1994, *Les Dossiers d t'Archeologie*, n° 198), p. 42-47.
- OLEIRO. João Manuel Bairrão, “O tema do labirinto nos mosaicos portugueses”. In *VI Coloquio internacional sobre Mosaico Antigo* (Palencia, Asociacion Española del Mosaico, s/d [1994]), 273-278.
- PEDROSO, Rui, “As pinturas murais in situ”. In Oleiro, João Manuel Bairrão, *Conimbriga. Casa dos repuxos* (Conimbriga, Museu Monográfico, 1992, *Corpus dos mosaicos romanos de Portugal*, I), p. 159-166.

4. Anexos**4.1. Relatórios em arquivo no Museu Monográfico de Conimbriga**

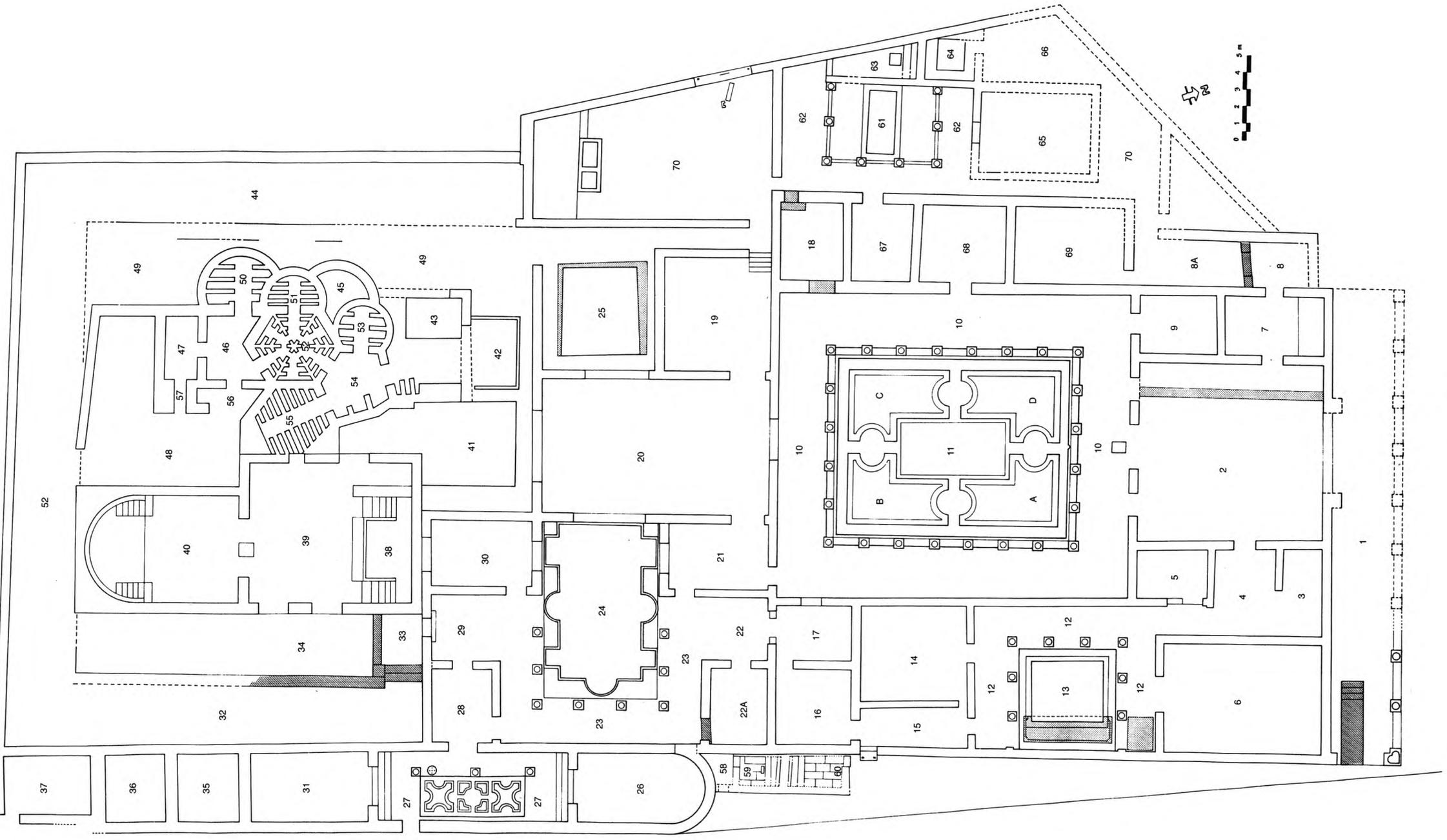
Documento em arquivo	Autoria e anexos	Transcrição editada
Relatório preliminar sobre a casa de Cantaber (Sondagens no peristilo – C10.1 a 3) + Adenda (C10.2A-2B e 3A)	Não assinado (Salette da Ponte) C/ estratigrafia C/ documentação fotográfica	2.2.10.1 2.2.10.2 2.2.10.3 2.1.10.4
Idem (peça 10)	Idem C/ minuta de altimetrias	2.2.10.5
Relatório manuscrito “Zona C, sala 12”	Não assinado (Salette da Ponte) C/ estratigrafia C/ documentação fotográfica	2.2.12.1
Relatório preliminar sobre a casa de Cantaber (Sondagens no peristilo – C12.1 a 3)	Salette da Ponte 2/10/86 C/ planta geral	2.2.12.2.1 2.2.12.2.2 2.2.12.2.3
Relatório preliminar sobre a casa de Cantaber (Sondagens no peristilo – C12.4 e 5)	Salette da Ponte 3/10/86	2.2.12.2.4 2.2.12.2.5
Conimbriga – Casa de Cantaber Relatório das escavações de 1995	Virgílio Hipólito Correia 30/1/1996	passim
Idem, 1996	Virgílio Hipólito Correia 31/1/1997	passim
Idem, 1997	Virgílio Hipólito Correia Adília Alarcão 29/1/1998	passim

4.2. Outra documentação fotográfica em arquivo no Museu Monográfico de Conimbriga (estado dos mosaicos antes das intervenções).

Neg.6x6P/B n° 3951	Mosaico de C2, pequeno fragmento, aspecto do <i>tesselatum</i>
Neg.6x6P/B n° 3952	Mosaico de C2, pequeno fragmento, aspecto do <i>tesselatum</i> antes do arranque
Neg.6x6P/B n° 5269	Fragmento maior do mosaico de C2, antes do arranque
Neg.6x6P/B n° 3749	Mosaico de C3, antes do arranque
Neg.6x6P/B n° 5273	Mosaico de C3, antes do arranque
Neg.6x6P/B n° 5274	Mosaico de C4, antes do arranque
Neg.6x6P/B n° 5266	Mosaico de C6, fragmento de bordadura deixada <i>in situ</i> em 1899
Neg.6x6P/B n° 3761	Mosaico de C10, canto Sudoeste durante os trabalhos de arranque
Neg.6x6P/B n° 3780	Mosaico de C10, pequena mancha do <i>tesselatum</i> conservado
Neg.6x6P/B n° 3835	Mosaico de C10, antes do arranque
Neg.6x6P/B n° 3870	Mosaico de C10, ala oeste, antes do arranque
Neg.6x6P/B n° 3871	Mosaico de C10, antes do arranque
Neg.6x6P/B n° 3902	Mosaico de C10, pequena mancha do <i>tesselatum</i> conservado
Neg.6x6P/B n° 3903	Mosaico de C10, pequena mancha do <i>tesselatum</i> conservado
Neg.6x6P/B n° 3908	Mosaico de C10, pequena mancha do <i>tesselatum</i> conservado
Neg.6x6P/B n° 3936	Mosaico de C10, pequena mancha do <i>tesselatum</i> conservado
Neg.6x6P/B n° 3937	Mosaico de C10, pequena mancha do <i>tesselatum</i> conservado
Neg.6x6P/B n° 3938	Mosaico de C10, pequena mancha do <i>tesselatum</i> conservado
Neg.6x6P/B n° 4193	Mosaico de C10, pequena mancha do <i>tesselatum</i> conservado
Neg.6x6P/B n° 4194	Mosaico de C10, pequena mancha do <i>tesselatum</i> conservado
Neg.6x6P/B n° 5251	Mosaico de C10, ala Leste durante os trabalhos de arranque
Neg.6x6P/B n° 5252	Mosaico de C10, ala Leste durante os trabalhos de arranque
Neg.6x6P/B n° 5253	Mosaico de C10, ala Leste durante os trabalhos de arranque
Neg.6x6P/B n° 5254	Mosaico de C10, ala Leste durante os trabalhos de arranque
Neg.6x6P/B n° 5255	Mosaico de C10, ala Leste durante os trabalhos de arranque
Neg.6x6P/B n° 5268	Mosaico de C10, canto Sudoeste durante os trabalhos de arranque

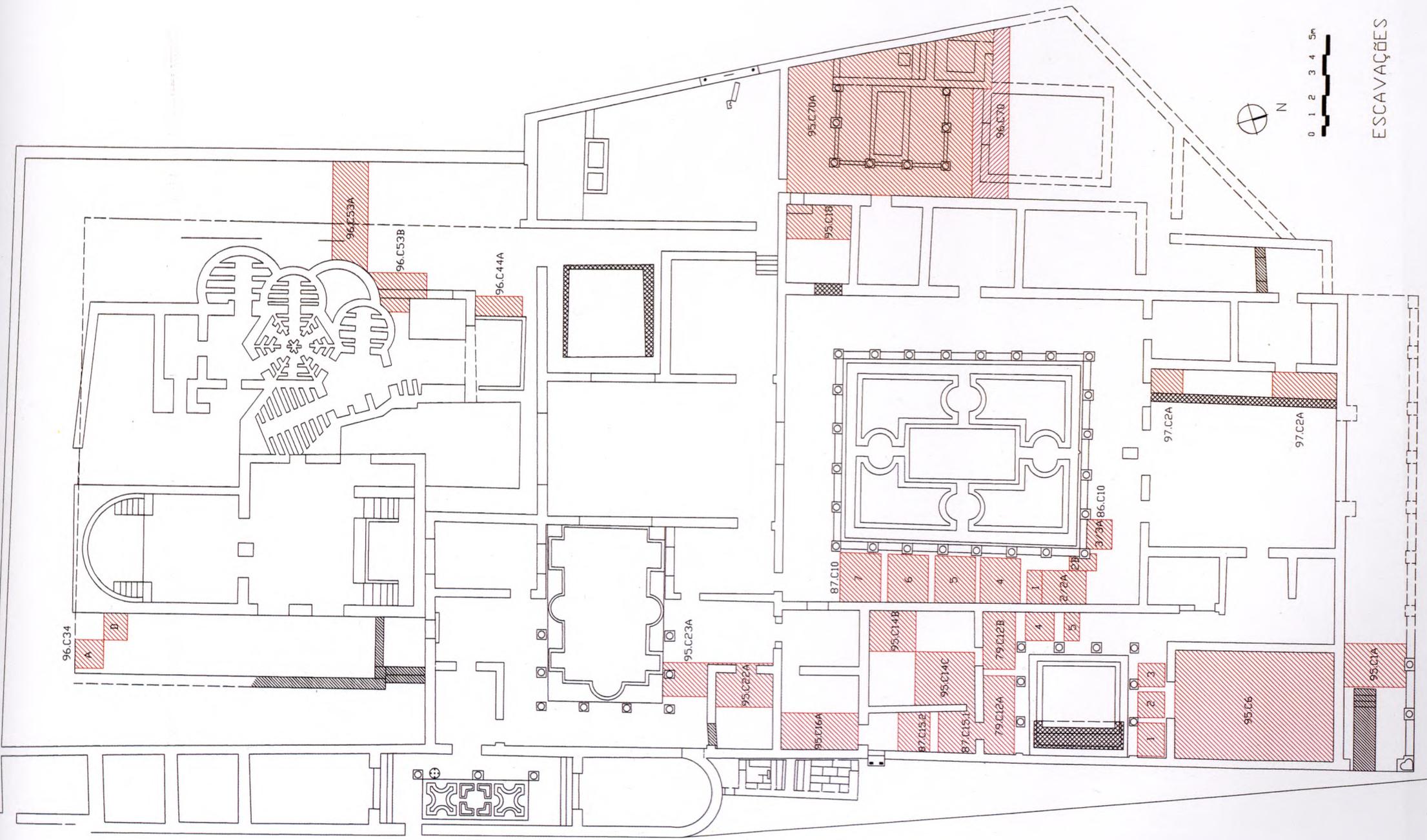
Neg.6x6P/B nº 3663	Mosaico de C12, aspecto do <i>tessalatum</i> antes do arranque
Neg.6x6P/B nº 3668	Mosaico de C12, aspecto do <i>tessalatum</i> antes do arranque
Neg.6x6P/B nº 5270	Mosaico de C12, aspecto do <i>tessalatum</i> antes do arranque
Neg.6x6P/B nº 5271	Mosaico de C12, aspecto do <i>tessalatum</i> antes do arranque
Neg.6x6P/B nº 5272	Mosaico de C12, aspecto das lacunas, antes do arranque
Neg.6x6P/B nº 3700	Mosaico de C14, lado Leste
Neg.6x6P/B nº 3702	Mosaico de C14, lado oeste
Neg.6x6P/B nº 3746	Mosaico de C15, aspecto geral dos fragmentos conservados
Neg.6x6P/B nº 3750	Mosaico de C15, aspecto geral dos fragmentos conservados
Neg.6x6P/B nº 3751	Mosaico de C15, aspecto geral dos fragmentos conservados
Neg.6x6P/B nº 3762	Mosaico de C16, ligação entre os dois fragmentos
Neg.6x6P/B nº 3763	Mosaico de C16, aspecto do <i>tessalatum</i>
Neg.6x6P/B nº 5278	Mosaico de C16, fragmento menor
Neg.6x6P/B nº 3798	Mosaico de C17, aspecto geral
Neg.6x6P/B nº 3797	Mosaico de C17, aspecto geral
Neg.6x6P/B nº 3779	Mosaico de C20, aspecto do <i>tessalatum</i>
Neg.6x6P/B nº 3783	Mosaico de C20, aspecto da conservação do <i>tessalatum</i> no canto Sudeste
Neg.6x6P/B nº 3784	Mosaico de C20, aspecto geral
Neg.6x6P/B nº 3785	Mosaico de C20, aspecto geral, canto Sudeste
Neg.6x6P/B nº 3786	Mosaico de C20, aspecto geral, canto Sudeste
Neg.6x6P/B nº 3787	Mosaico de C20, aspecto geral do topo Sul
Neg.6x6P/B nº 3796	Mosaico de C22, aspecto geral
Neg.6x6P/B nº 3814	Mosaico de C23, canto Nordeste
Neg.6x6P/B nº 3815	Mosaico de C23, ala Leste
Neg.6x6P/B nº 3816	Mosaico de C23, ala Leste
Neg.6x6P/B nº 3817	Mosaico de C23, ala Leste
Neg.6x6P/B nº 3819	Mosaico de C23, ala Leste e ligação à ala Sul
Neg.6x6P/B nº 3820	Mosaico de C23, ala Sul

Neg.6x6P/B n° 3821	Mosaico de C23, ala Sul
Neg.6x6P/B n° 3822	Mosaico de C23, ala Sul e ligação a C29
Neg.6x6P/B n° 3801	Mosaico de C27, Tapete da ala Sul
Neg.6x6P/B n° 3802	Mosaico de C27, Tapete da ala Oeste, parte Sul
Neg.6x6P/B n° 3803	Mosaico de C27, Tapete da ala Oeste, parte Norte
Neg.6x6P/B n° 3804	Mosaico de C27, aspecto do <i>tessalatum</i> da ala Norte
Neg.6x6P/B n° 3806	Mosaico de C27, aspecto do <i>tessalatum</i> da ala Sul
Neg.6x6P/B n° 3825	Mosaico de C28
Neg.6x6P/B n° 3826	Mosaico de C28, canto Nordeste
Neg.6x6P/B n° 3810	Mosaico de C30, canto SW antes dos restauros
Neg.6x6P/B n° 3811	Mosaico de C30, antes dos restauros, topo Norte
Neg.6x6P/B n° 3812	Mosaico de C30, aspecto da conservação do <i>Tessalatum</i>
Neg.6x6P/B n° 3813	Mosaico de C30, canto Nordeste
Neg.6x6P/B n° 3782	Mosaico de C30, lado Oeste
Neg.6x6P/B n° 3807	Mosaico de C31, aspecto do <i>tesselatum</i> e muros antes dos restauros
Neg.6x6P/B n° 3808	Mosaico de C31, aspecto do <i>tesselatum</i> e muros antes dos restauros
Neg.6x6P/B n° 3829	Mosaico de C31, aspecto do <i>tesselatum</i> no topo Sul
Neg.6x6P/B n° 3830	Mosaico de C31, topo Sul



PLANTA 1

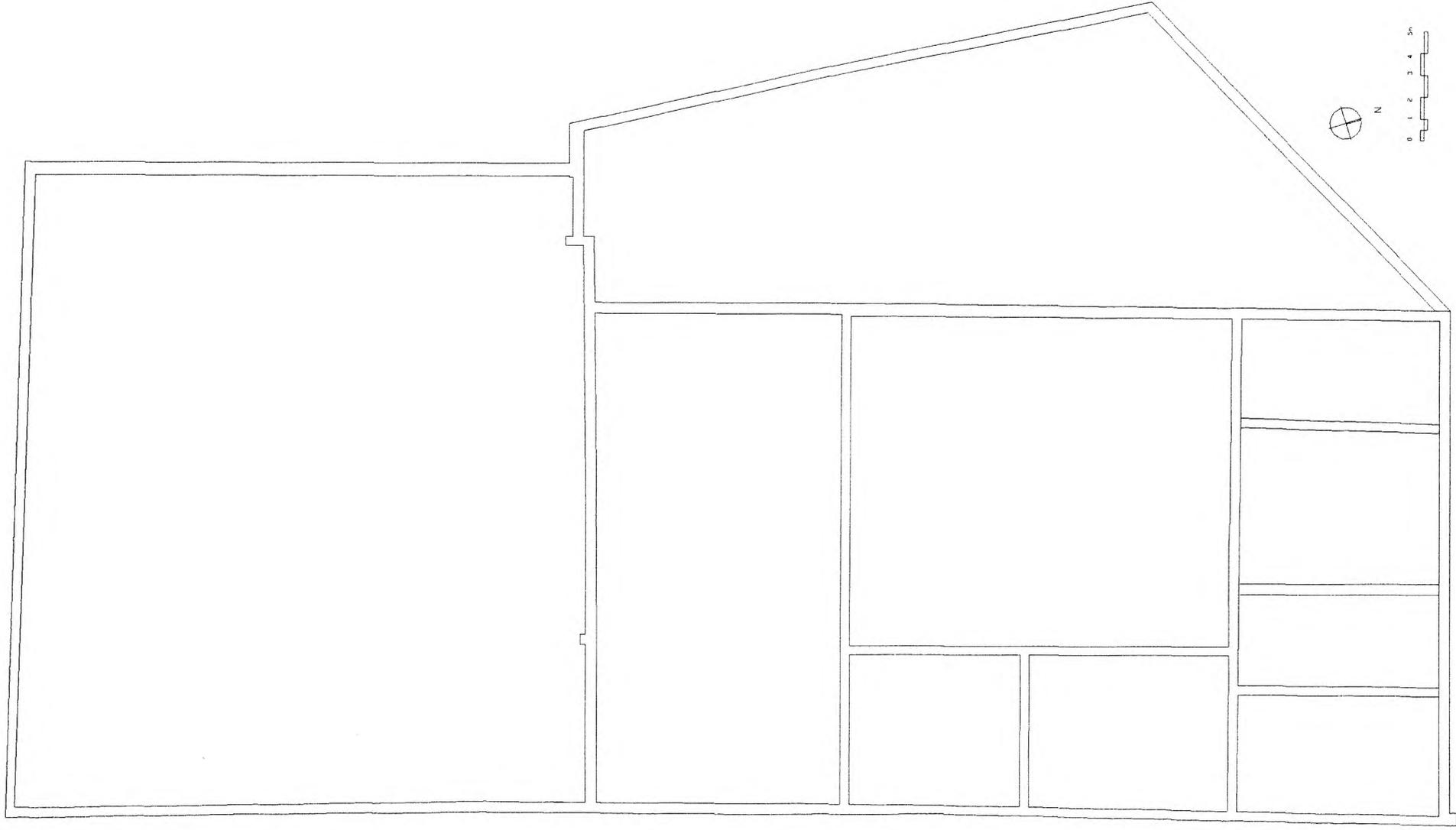
(Página deixada propositadamente em branco)



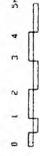
ESCAVAÇÕES

(Página deixada propositadamente em branco)

(Página deixada propositadamente em branco)

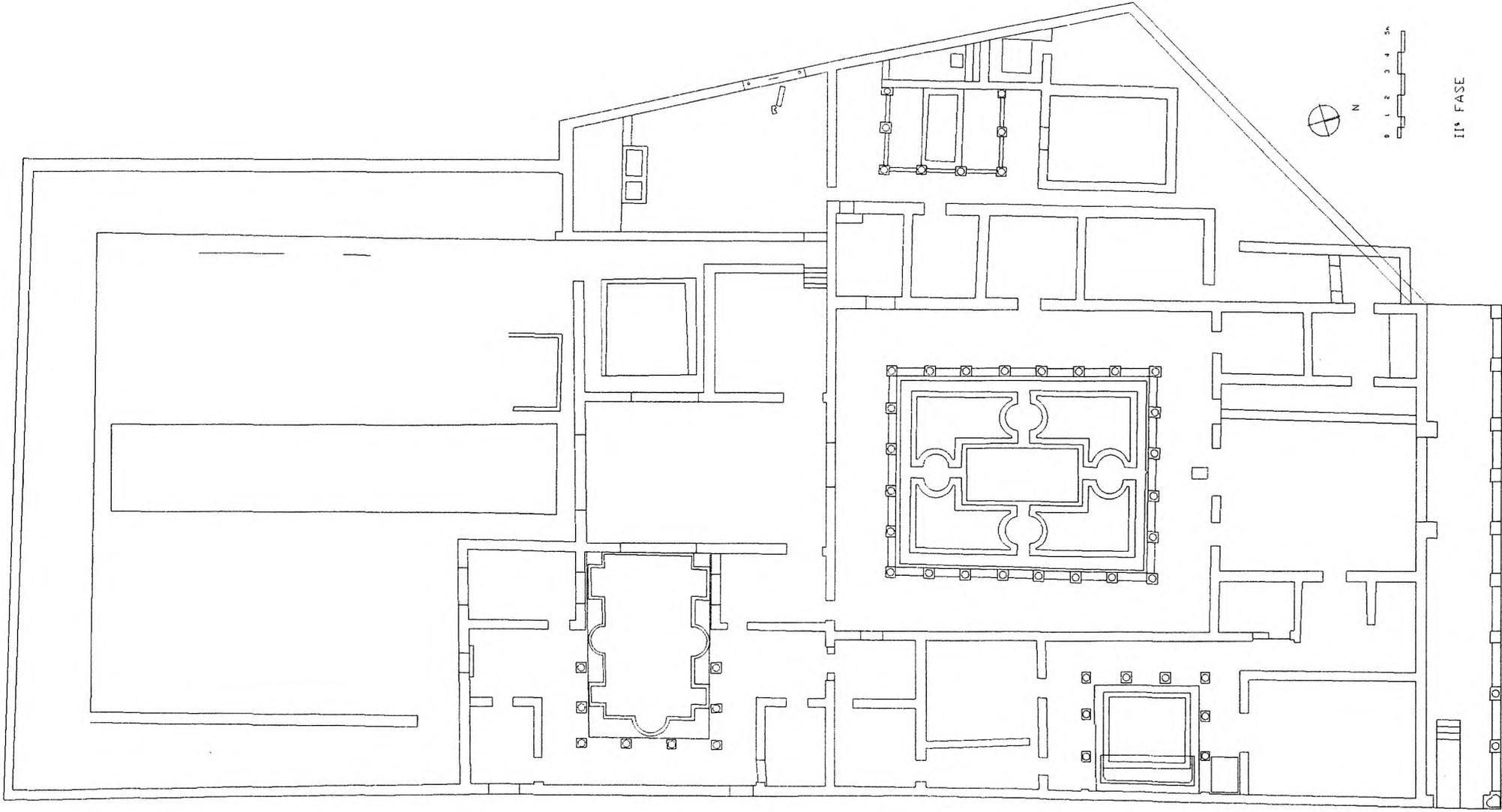


N

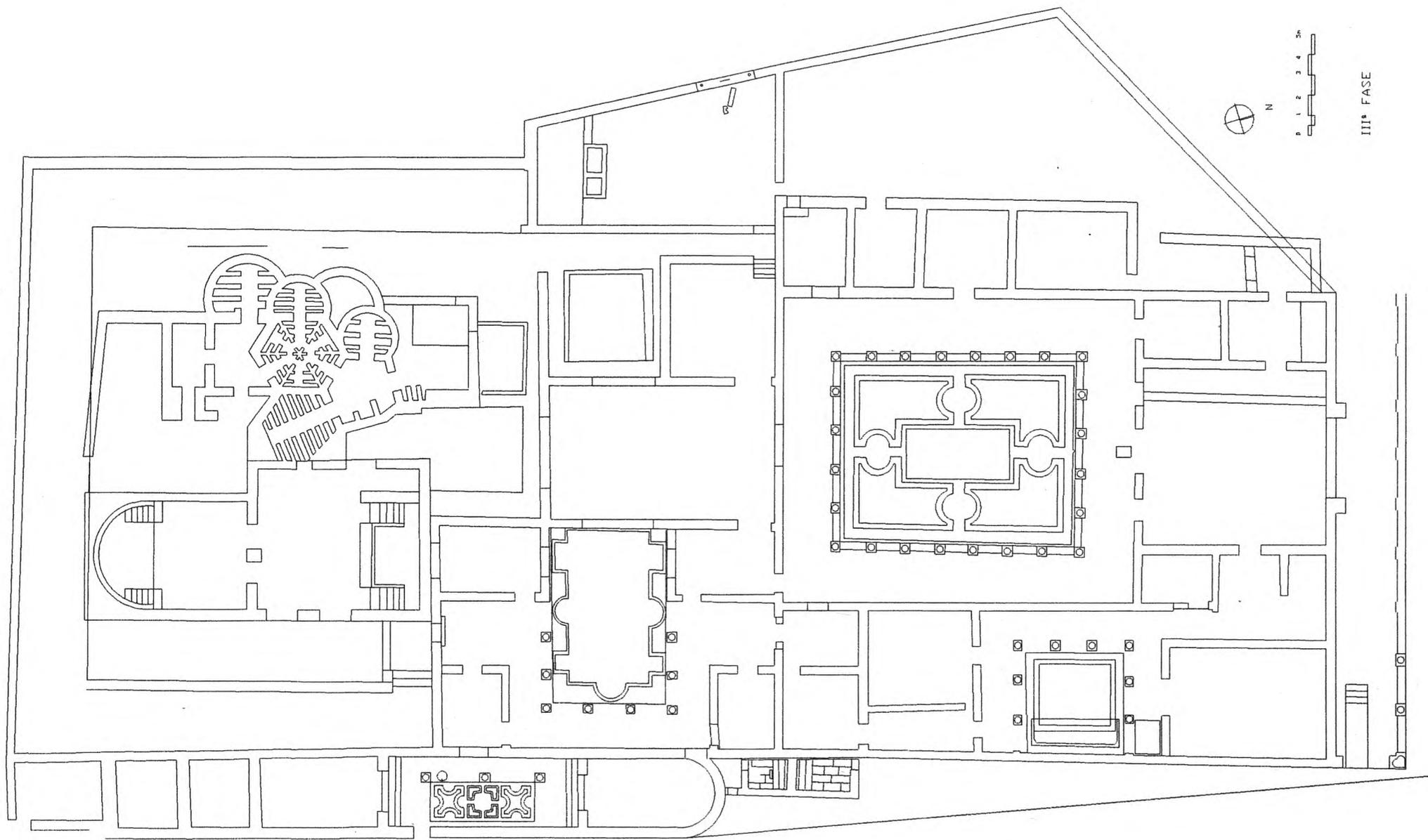


1ª FASE

(Página deixada propositadamente em branco)



(Página deixada propositadamente em branco)



(Página deixada propositadamente em branco)

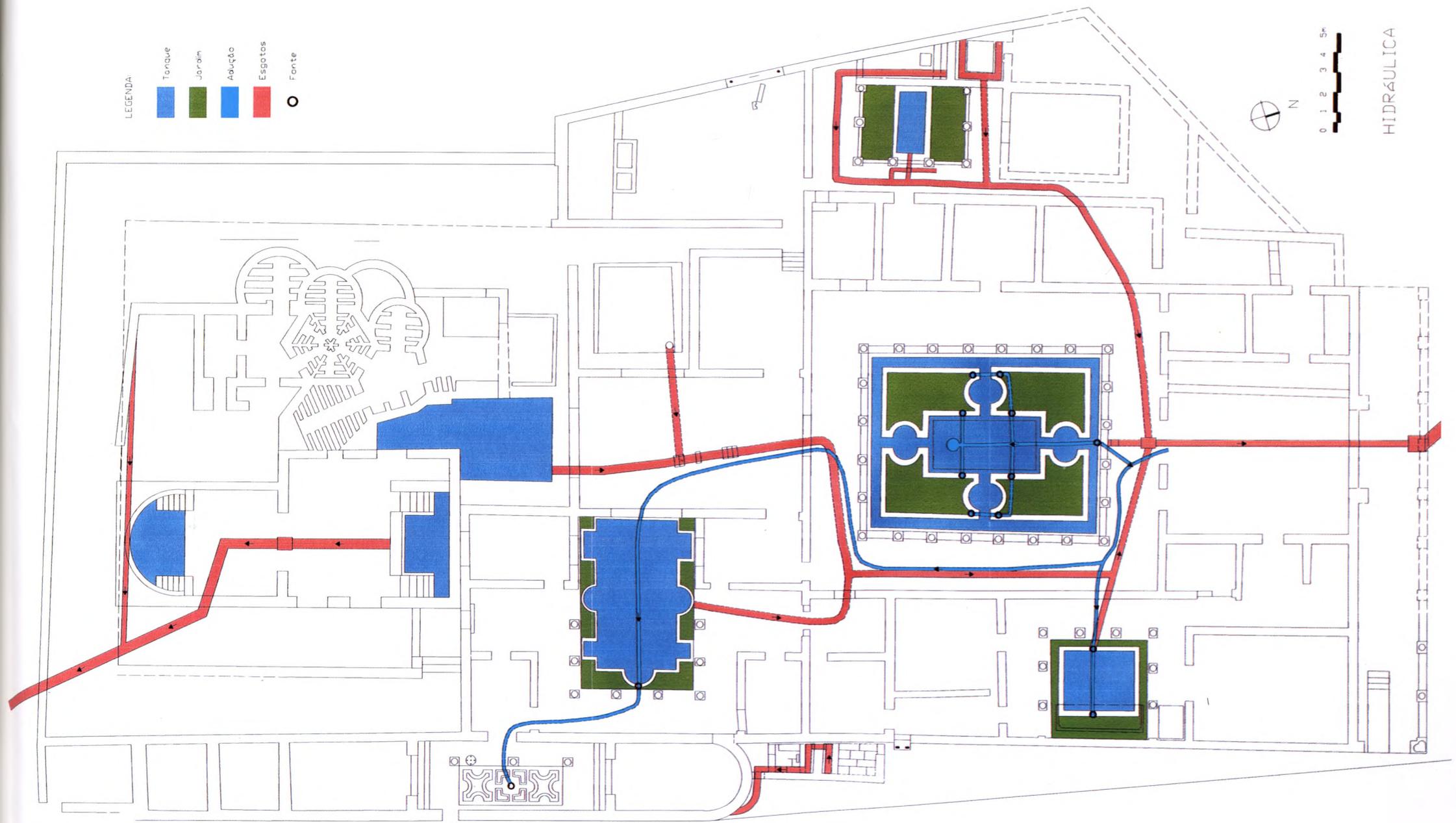
LEGENDA

- Torque
- Jardim
- Adução
- Esgotos
- Fonte

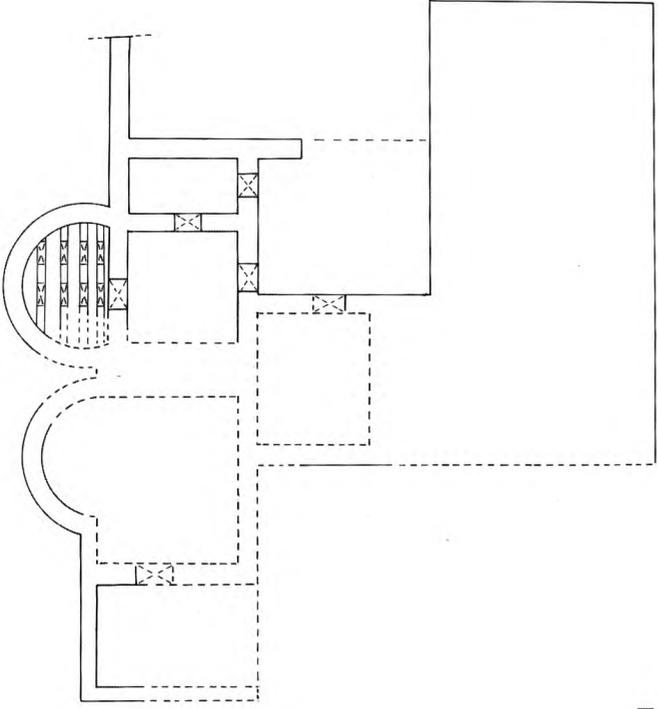


0 1 2 3 4 5m

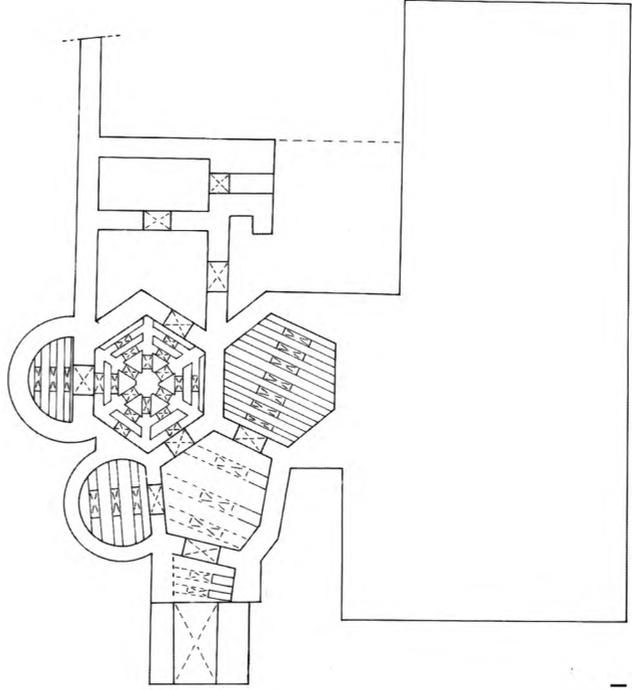
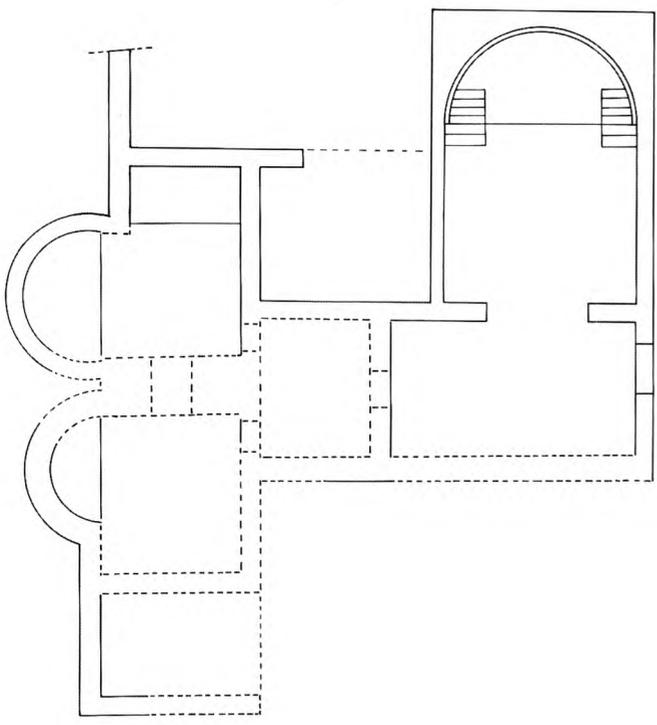
HIDRAULICA



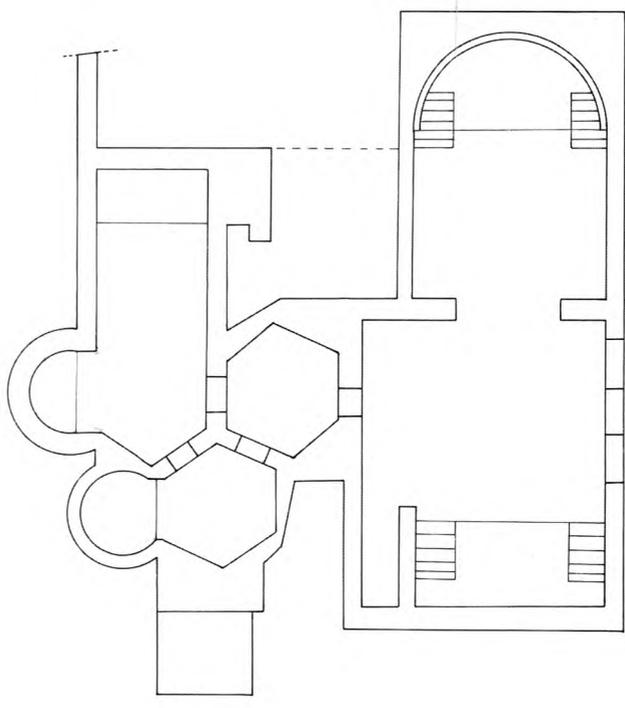
(Página deixada propositadamente em branco)



FASE I

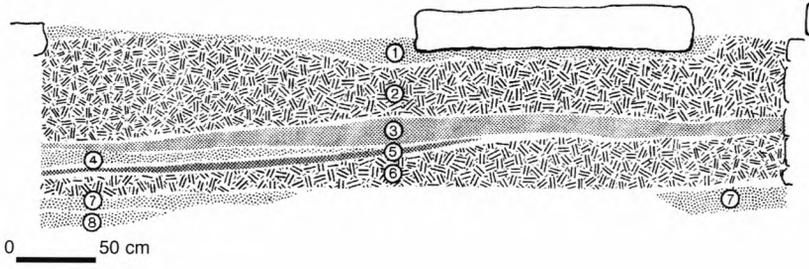


FASE II

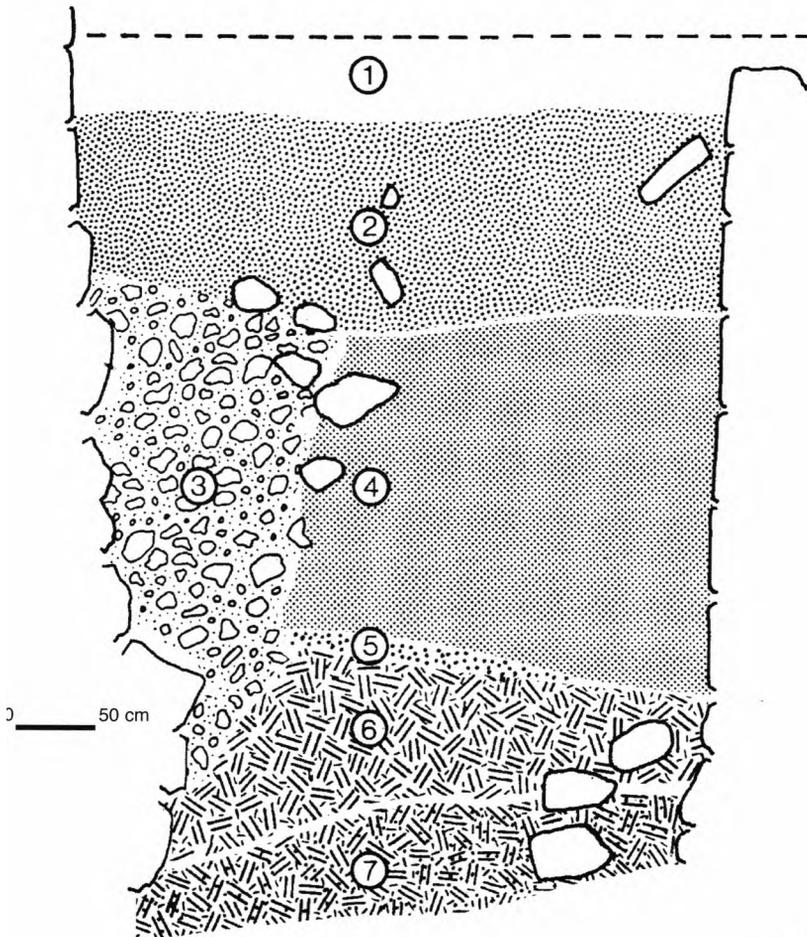


(Página deixada propositadamente em branco)

EST. I

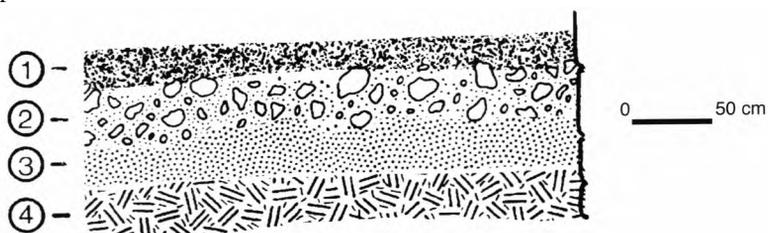


PERFIL 1

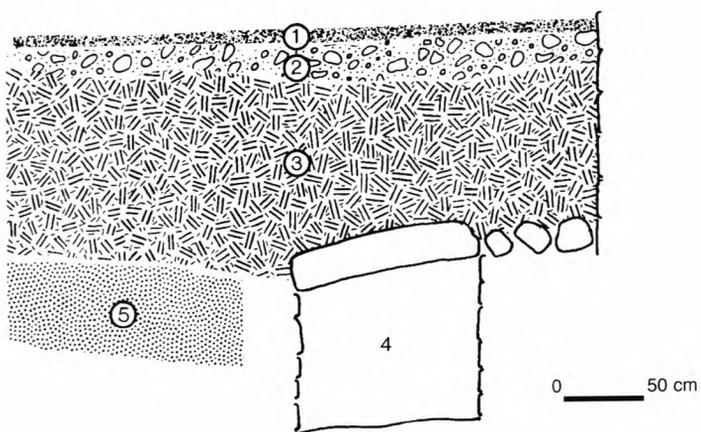


PERFIL 2

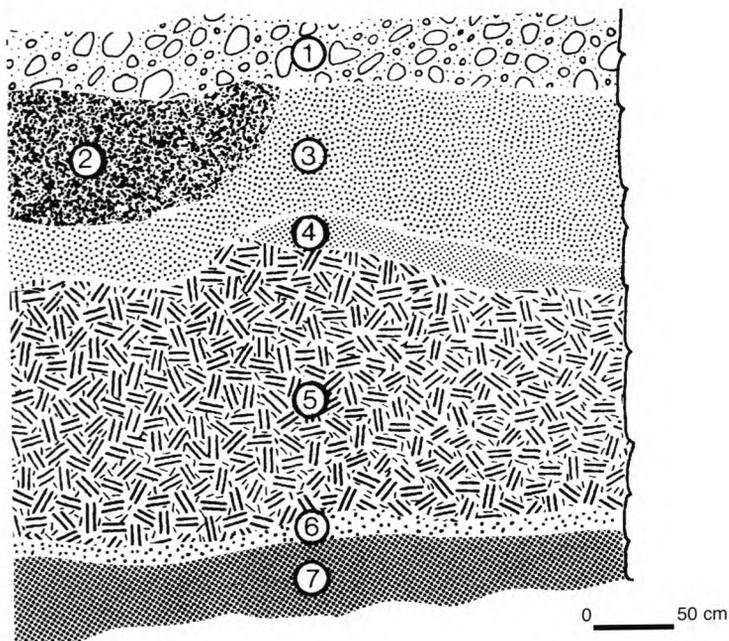
EST. II



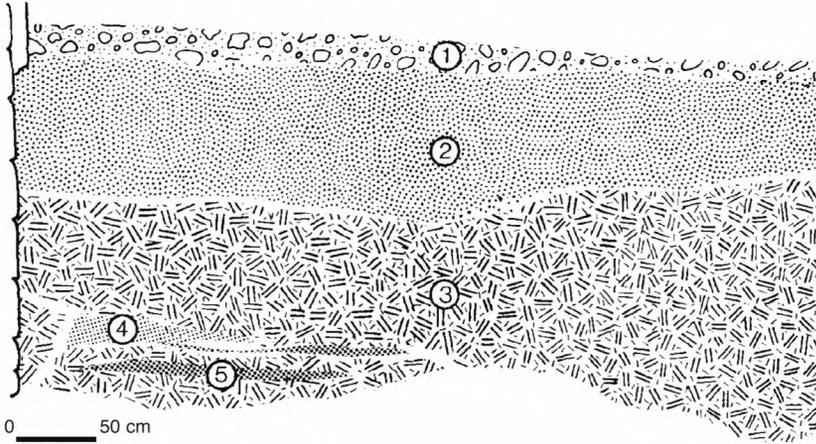
PERFIL 3



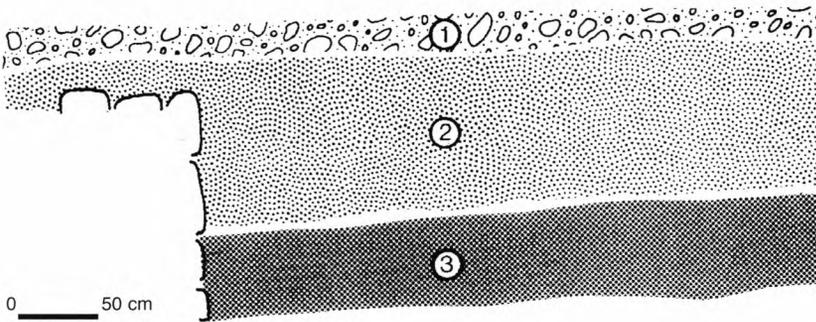
PERFIL 4



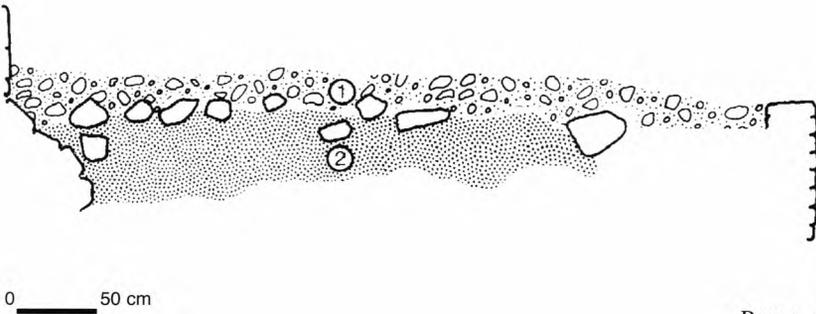
PERFIL 5



PERFIL 6

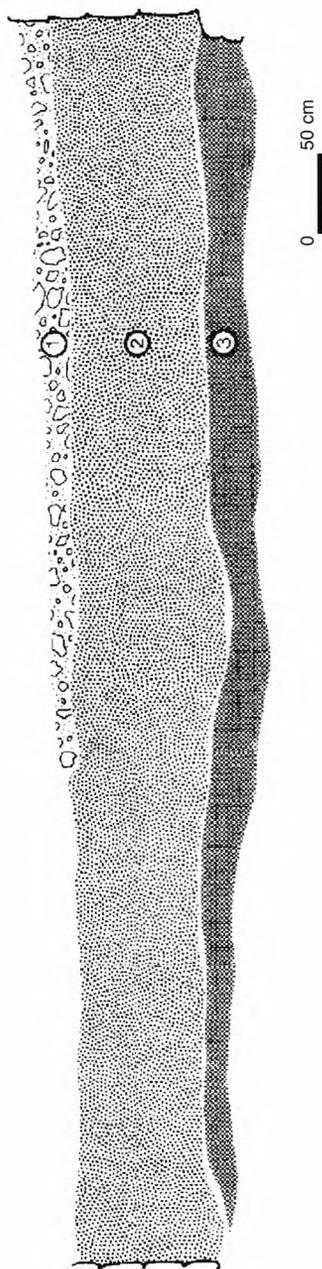


PERFIL 7



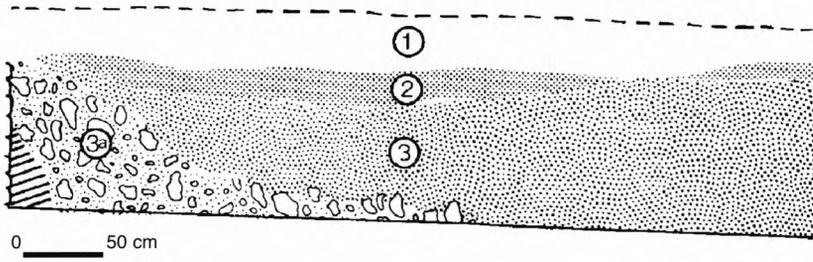
PERFIL 9

EST. IV

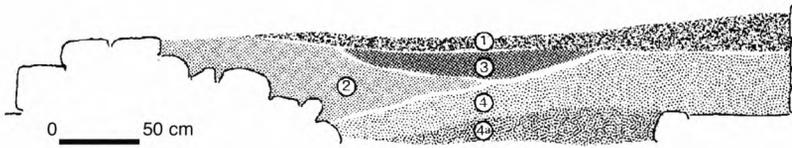


PERFIL 8

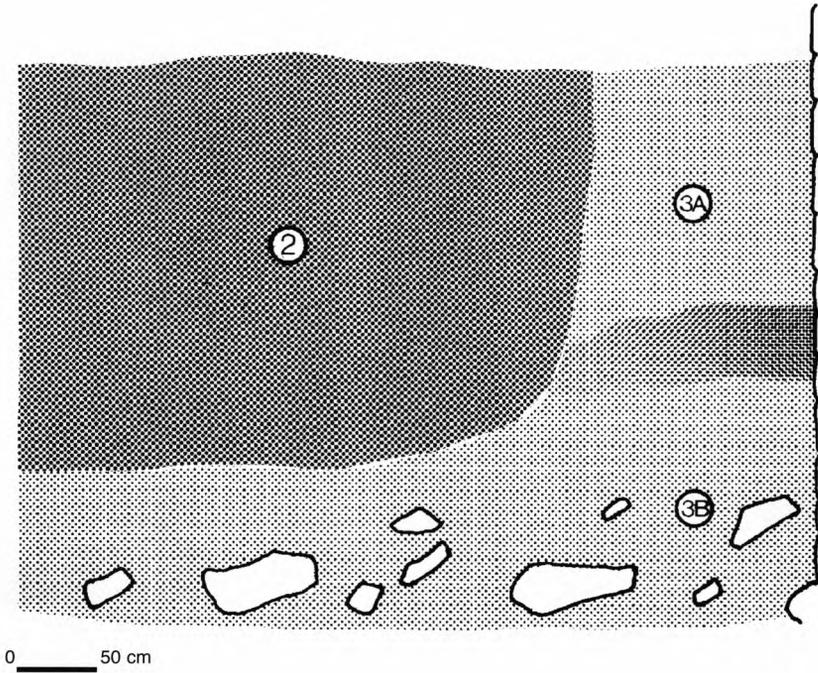
EST. V



PERFIL 10



PERFIL 11



PERFIL 12



FOTO 1 – *Pórtico de entrada da casa (extremo leste).*



FOTO 2 – *Laje calcária entre duas colunas de C10, com recorte destinado à fixação de um plinto.*



Foto 3 – Caixaotão do impluvium do peristilo central, com vestígios de reparação: à esquerda, remate original, em pedra; à direita, remate reparado em tijolo; o revestimento em opus signinum tem necessariamente de datar do segundo momento.



Foto 4 – Fundo de construção de uso desconhecido, situada na ala norte de C12, formado por tégulas colocadas com os rebordos para baixo, no momento da escavação.

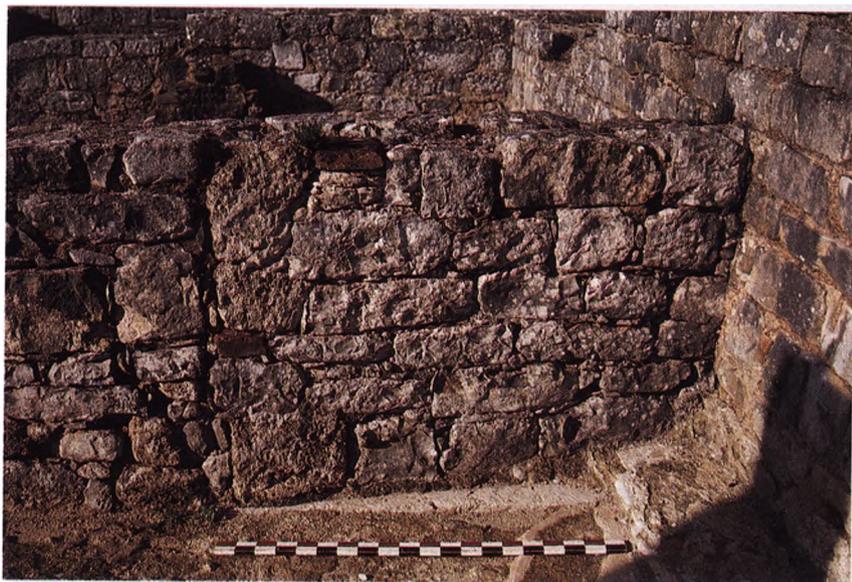


FOTO 5 – *Fecho da porta sul de C22A (vista do peristilo C23). É visível a soleira original e, no canto inferior direito, o degrau criado sobre o mosaico para dar acesso à porta para as latrinas então aberta.*



FOTO 6 - *Forno de C22A*



FOTO 7 – Pormenor do fechamento da janela de C21 (visto do tanque C24).



FOTO 8 – Esgoto de superfície na zona perimetral de C25 (perdido todo o tessellatum, resta o opus signinum de suporte).



FOTO 9 – *Tanque central do peristilo identificado em C70.*



FOTO 10 – *Construções pertencentes ao viridarium original da casa, identificadas em C44A.*



FOTO 11 – *Silhar do canto sudeste do muro perimetral da casa.*



FOTO 12 – *Muro identificado em C53A, correspondente ao estilóbato do pórtico do viridarium original da casa.*

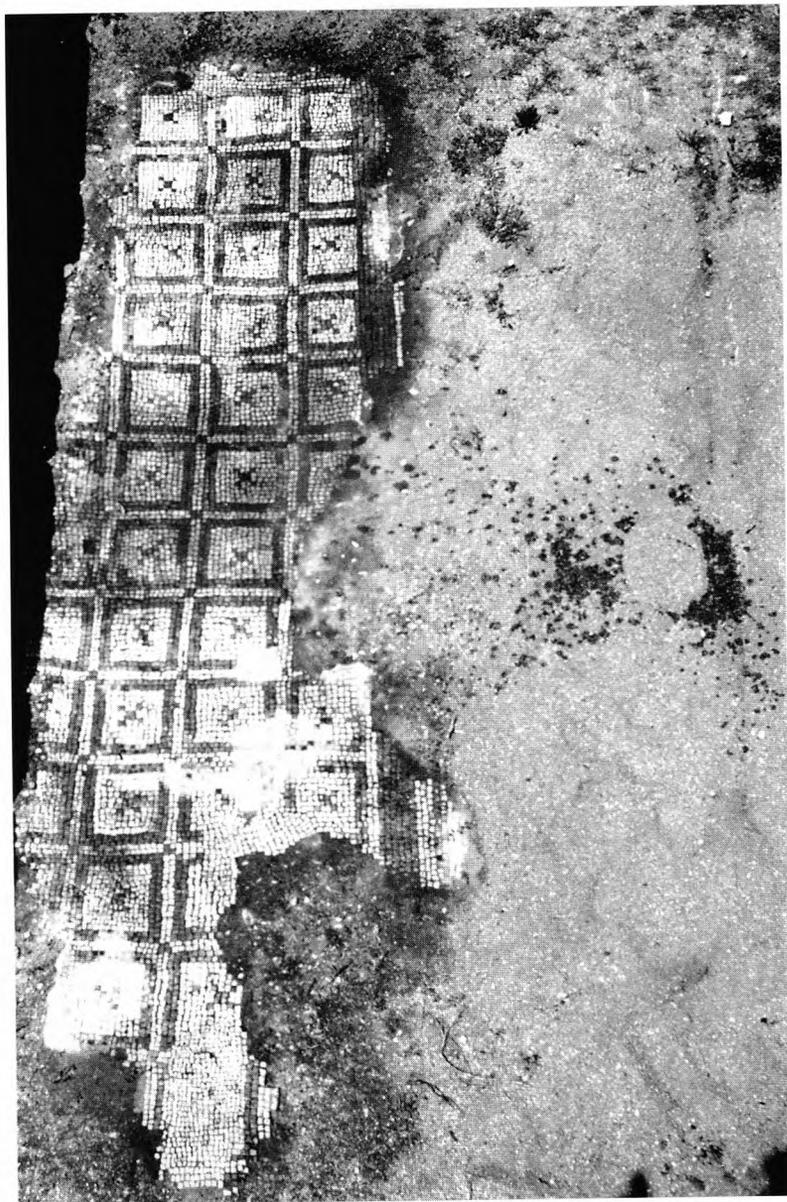


FOTO 13 – Neg. n.º 3745; Fragmento maior do mosaico de C2, antes do arranque.



FOTO 14 – Neg. n.º 3747; Mosaico de C4, antes do arranque.



Foro 15 – Neg. n.º 3748; Mosaico de C6, fragmento de bordadura deixada in situ em 1899, antes do arranque moderno.

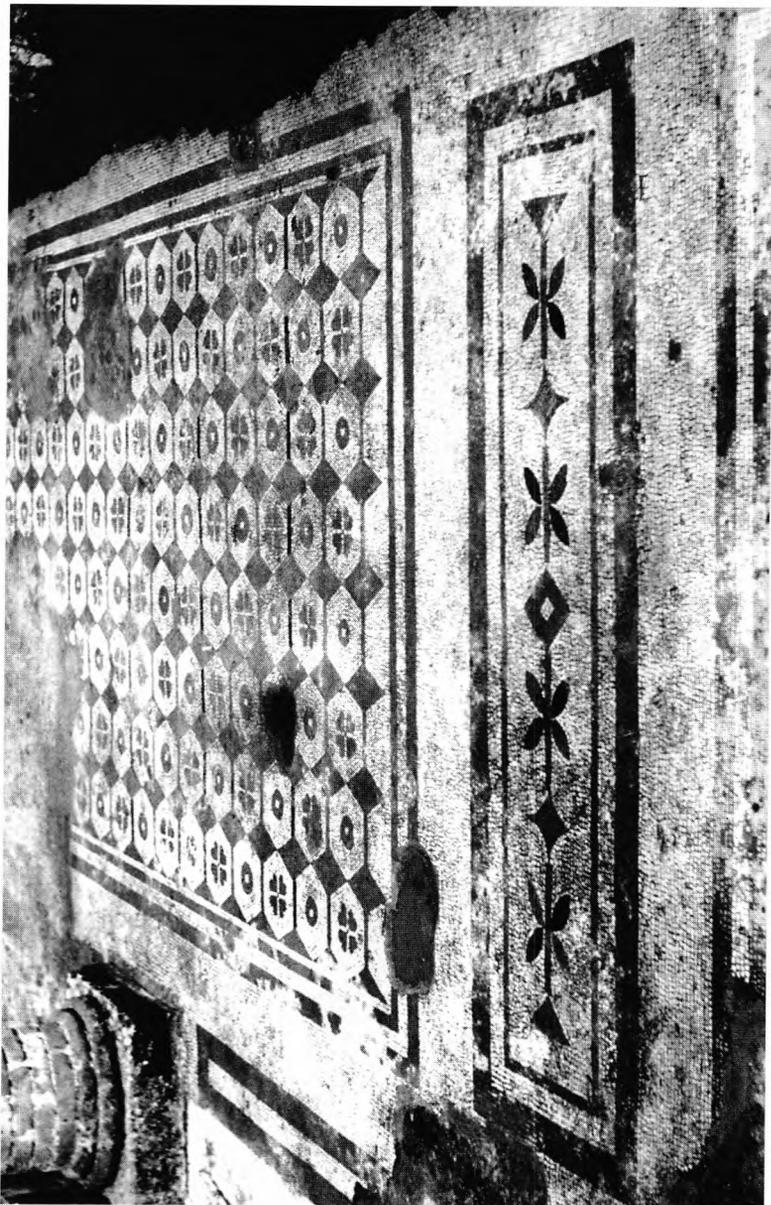


FOTO 16 – Neg. n.º 3757; Mosaico de C10, tapete do canto Sudoeste e ala Sul, antes do arranque.

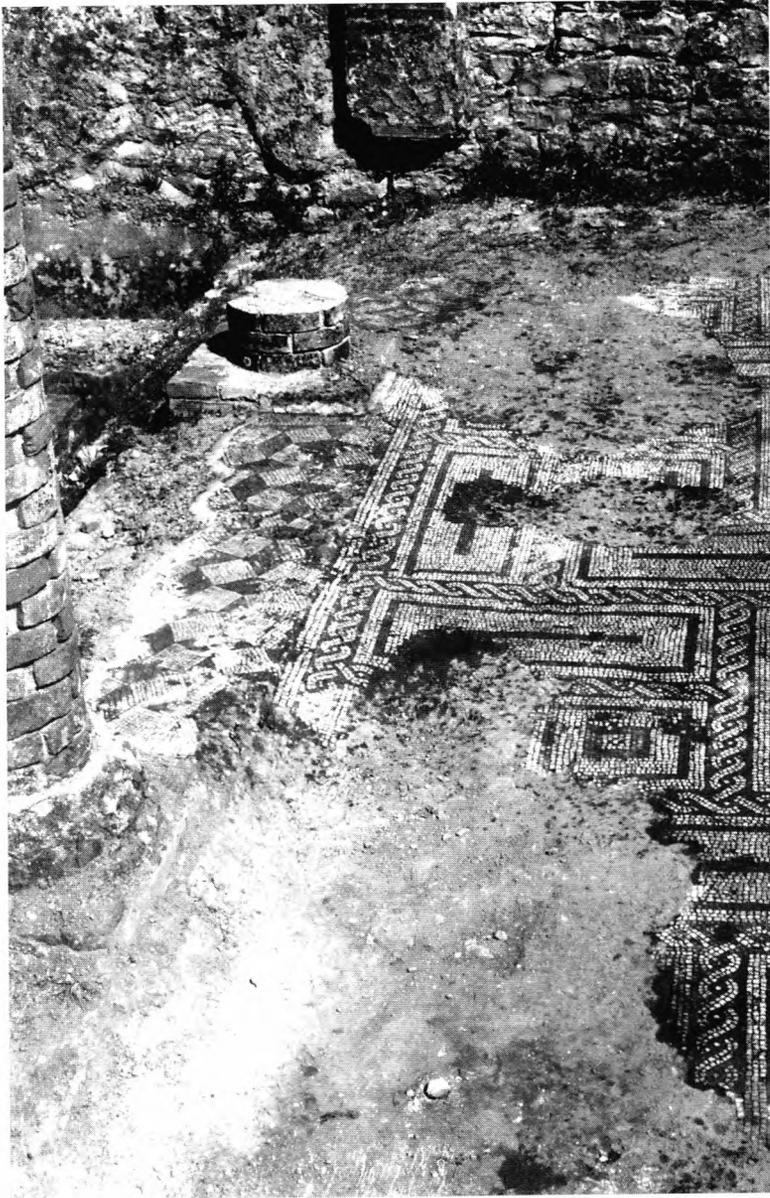


FOTO 17 – Neg. n.º 3671; Mosaico de C12, ala Norte antes do arranque.



FOTO 18 – Neg. n.º 3701; Mosaico de C14, topo Sul.



FOTO 19 – Neg. n.º 3752; Mosaico de C15, aspecto geral dos fragmentos conservados.



Foto 20 – Neg. n.º 5277; Mosaico de C16, fragmento maior.



Foto 21 – Neg. n.º 3795; Mosaico de C22, aspecto geral.